

Ensinar Geografia: Pensar Global

André Adolfo da Silva Teixeira

**Relatório da Prática Pedagógica
Mestrado em Ensino de História e Geografia no
3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário**

Orientação: Professora Doutora Marta Abelha e Professor Doutor
Bruno Martins

Março, 2014



UNIVERSIDADE PORTUCALENSE

UNIVERSIDADE PORTUCALENSE

Ensinar Geografia:
Pensar Global / 2014

André Adolfo da Silva Teixeira



Universidade Portucalense Infante D. Henrique | Rua Dr. António Bernardino de Almeida, 541
4200-072 Porto | telefone: +351 225 572 000 | email: upt@upt.pt

Ensinar Geografia: Pensar Global

André Adolfo da Silva Teixeira

Relatório da Prática Pedagógica

**Mestrado em Ensino de História e Geografia no
3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário**

Orientação: Professora Doutora Marta Abelha e Professor

Doutor Bruno Martins

Março, 2014



UNIVERSIDADE PORTUCALENSE

“A profissão docente é por natureza delicada e complexa e, por isso, certamente nunca existiram épocas em que fosse fácil exercê-la. Temos de reconhecer, no entanto, que nos últimos 50 anos, graças às transformações de natureza diversa que se verificaram nas sociedades industrializadas e estiveram na origem da globalização e da sociedade da informação, a profissão se foi tornando crescentemente complexa.”

Estrela (2010, p.6)

Agradecimentos

Ao longo desta caminhada muitas foram as pessoas que contribuíram para que este trabalho fosse concretizado e muitas têm acompanhado o meu percurso de vida. Assim, pretendo registar os meus sinceros agradecimentos a todos os que de alguma maneira contribuíram, em especial:

- À minha esposa Teresa, pela força, companheirismo, carinho e disponibilidade;
- À minha família e amigos, nomeadamente aos meus pais por sempre acreditarem em mim e pelo amor que sempre me deram;
- À Nossa Senhora de Fátima, pela ajuda espiritual nos momentos mais delicados;
- Aos meus colegas, principalmente ao Nuno e à Cristiana, pelo apoio prestado;
- Aos professores orientadores, Professora Doutora Marta Abelha e Bruno Martins, pelo constante auxílio;
- Ao professor cooperante João Amaral, pela disponibilidade, frontalidade e qualidade da orientação pedagógica fornecida;
- A toda a comunidade educativa do Externato Ribadouro pela forma profissional e prestativa que nos acolheu.

Resumo

O presente relatório final de Prática Pedagógica visa dar a conhecer a todos os leitores a intervenção educativa, no Externato Ribadouro, durante o ano letivo 2012/13, no âmbito da Prática Pedagógica, na área disciplinar de Geografia.

Neste relatório estão patentes as atividades desenvolvidas durante a Prática Pedagógica e a importância das mesmas para o desenvolvimento profissional. Assim, no capítulo um aborda-se a descrição do contexto de Prática Pedagógica. O capítulo dois explicita o plano de Prática Pedagógica em Geografia e no capítulo três descreve-se a fundamentação das atividades de Prática Pedagógica. Por último, no capítulo quatro segue-se uma reflexão crítica e fundamentada sobre os resultados obtidos pela análise dos dados recolhidos a partir de um inquérito referente às principais estratégias e atividades desenvolvidas em contexto de sala de aula, na disciplina de Geografia.

Verificamos neste relatório a importância da reflexão na ação, bem como a renovação de conhecimentos e técnicas de ensino para o desenvolvimento profissional docente.

Palavras – Chave: Prática Pedagógica, Geográfica, Metodologias de Ensino, Desenvolvimento Profissional Docente.

Abstract

This final report of Pedagogical Practice seeks to inform all readers of educative interventions in Externato Ribadouro during the school year 2012/2013, under the Teaching Practice in the subject area of Geography.

In this report are patented activities undertaken during Teaching Practice and the importance of the same for professional development. So, in chapter one addresses the description of the context of Pedagogical Practice. Chapter two explains the plan of Teaching Practice in Geography and in chapter three describes the reasoning of Pedagogical Practice activities. Finally, in chapter four followed by a critical reflection based on the results obtained by the analysis of data collected from a survey regarding the main strategies and activities developed in the context of the classroom, in the discipline of Geography.

We verified in this report the importance of reflection in action as well as the renewal of knowledge and teaching techniques for teacher's professional development.

Key words: Pedagogical Practice, Geography, Education Methodologies, Teacher Professional Development.

Lista de Abreviaturas

ATA – Amplitude Térmica Anual

ER – Externato Ribadouro

E.C.D. – Estatuto da Carreira Docente

ha – hectares

p – página

PAA – Plano Anual de Atividades

PE – Projeto Educativo

pp – páginas

PPT – PowerPoint

PT – Precipitação Total

RI – Regulamento Interno

TMA – Temperatura Média Anual

UE – União Europeia

Índice de Figuras

Figura 1 – Externato Ribadouro

Figura 2 – Externato Ribadouro – Instalações Rua do Bonjardim

Figura 3 – Núcleo de Estágio na exposição sobre o Dia da Europa (09/05/2013)

Figura 4 – País que faz parte da União Europeia (UE)

Figura 5 – Jogos sobre a UE

Figura 6 – Alguns dos trabalhos expostos sobre a UE

Figura 7 – Análise estatística dos resultados da ficha de avaliação sumativa

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Cronograma de atividades realizadas

Tabela 2 – Opinião das turmas do 7ºA, 7ºB e 8ºB face à frequência de atividades desenvolvidas na aula de Geografia

Índice de Gráficos

Gráfico 1 – Sucesso por questão

Gráfico 2 – Idade dos alunos

Gráfico 3 – Sexo dos alunos

Gráfico 4 – Idade dos pais dos alunos da turma

Gráfico 5 – Idade das mães dos alunos da turma

Gráfico 6 – Opinião dos alunos sobre a disciplina de Geografia

Gráfico 7 – Opinião dos alunos sobre a utilização de tecnologias na aula do professor

Gráfico 8 – Opinião dos alunos sobre a utilização de *software* informático na aula do professor

Sumário

Introdução	11
Capítulo 1 – Descrição do contexto de Prática Pedagógica	14
1.1 Caracterização da instituição de acolhimento	15
1.2. Descrição das funções do profissional e do seu papel enquanto estudante da Prática Pedagógica na instituição	20
Capítulo 2 – Explicitação do plano de Prática Pedagógica em Geografia	23
2.1 Cronograma de atividades	24
2.2 Caracterização da turma 7ºB	30
Capítulo 3 – Descrição e fundamentação das atividades de Prática Pedagógica	35
3.1 Organização e gestão do ensino e da aprendizagem em Geografia	36
3.2 Participação na escola e relação com a comunidade	40
Capítulo 4 – Reflexão crítica e fundamentada sobre os resultados obtidos	43
4.1 Avaliação Sumativa.....	44
4.2 Estudo: Metodologias de Ensino na Geografia.....	48
4.3 Desenvolvimento profissional docente	60
Conclusão	65
Referências Bibliográficas	67
Anexos.....	71

Introdução

O presente relatório de Prática Pedagógica foi elaborado no âmbito do Mestrado em Ensino da História e da Geografia no 3º Ciclo do ensino Básico e Secundário.¹

A prática pedagógica decorreu no Externato Ribadouro, situado na Cidade do Porto.²

Este relatório pretende apresentar as atividades desenvolvidas no âmbito da prática pedagógica na área da Geografia.

Os objetivos da prática pedagógica³ visam acima de tudo enquadrar o docente estagiário num contexto prático, capacitando o estudante para a resolução de situações específicas na área da docência, no caso particular da Geografia. Conhecer a realidade escolar, os respetivos atores e a sua respetiva comunidade fazem com que o docente se embrenhe numa realidade específica, que se altera de comunidade escolar para comunidade escolar. De facto não é fácil esta adaptação mas é fundamental no processo de tomada de decisões fundamentadas e na resolução de problemas profissionais. Só aliando prática e teoria se pode obter uma dimensão global do processo de ensino e aprendizagem. É necessário neste contexto que o docente se desenvolva profissionalmente, demonstre autonomia científica, técnica, pedagógica e sentido de responsabilidade. Neste sentido deve aprofundar e aplicar os conhecimentos, desenvolvidos nas unidades curriculares que compuseram o primeiro ano do presente Mestrado, planificar e realizar atividades didático-pedagógicas. Por fim, o docente terá de comunicar as suas

¹ Autorizado pelo Anúncio n.º 5436/2009, Diário da República, 2ª série, n.º 134 de 14 de julho de 2009, tendo sido aprovada a alteração que preside ao plano de estudos atual pelo Anúncio n.º 1211/2010, Diário da República, Série II, n.º 24 de 4 de fevereiro de 2010.

² A autorização para identificação do Externato, foi diferido a 27 de fevereiro de 2014 e encontra-se em anexo (ver anexo 1).

³ Baseado nas Normas Regulamentares do 2º Ciclo de Estudos em História e da Geografia no 3º ciclo do ensino Básico e no Secundário e na ficha de Unidade Curricular da Prática Pedagógica.

conclusões, fundamentando o seu conhecimento, raciocínio e demonstrando ser claro e objetivo.

A escolha deste mestrado foi feita no sentido de se aprofundar conhecimentos, de se realizar uma atualização e para enriquecimento pessoal. A licenciatura em História foi o princípio, permitiu uma realização profissional, mas após alguns anos verificou-se a necessidade de uma maior polivalência. Ou seja, a noção da alteração curricular de várias disciplinas, onde a predominância da interdisciplinaridade é um facto, veio desencadear uma aproximação imediata à Geografia. No fundo existe uma grande afinidade e complementaridade entre a História e a Geografia. Por isso, a escolha deste mestrado surge com a necessidade de resposta profissional aos novos horizontes educacionais que nos são apresentados e por outro lado serviu para desenvolver e aperfeiçoar competências a vários níveis, nomeadamente didáticos e pedagógicos, atualizando deste modo as nossas Práticas Pedagógicas.

No que respeita à estrutura deste relatório, este inicia-se com uma Introdução, onde se descreve os pressupostos e expectativas relativos à Prática Pedagógica.

Seguidamente apresenta-se o primeiro capítulo onde será abordada a descrição do contexto de prática pedagógica, nomeadamente a caracterização da instituição de acolhimento e a respetiva descrição de funções do profissional e do seu papel enquanto estudante da Prática Pedagógica na instituição.

O segundo capítulo terá em atenção a explicitação do plano de prática pedagógica em Geografia que contemplará a descrição do cronograma de atividades a desenvolver pelo estudante de prática pedagógica em contexto de escola e a caracterização da turma onde lecionará.

O terceiro capítulo incidirá na descrição e fundamentação das atividades de Prática Pedagógica realizadas no âmbito da área curricular de Geografia, visando a planificação, respetiva realização, avaliação das aprendizagens, participação na escola e relação da com a comunidade.

No que concerne ao quarto e último capítulo, será realizada uma reflexão crítica fundamentada sobre os resultados de aprendizagem obtidos de aprendizagem e os resultantes de uma investigação realizada no âmbito das metodologias de ensino da geografia. Será, igualmente, realizada uma reflexão sobre o desenvolvimento profissional do docente.

Após o último capítulo serão expostas as conclusões que ambicionam dar uma visão holística do trabalho desenvolvido ao longo da Prática Pedagógica.

Por último, seguem-se as referências bibliográficas e um conjunto de anexos com elementos que visam complementar a descrição da Prática Pedagógica desenvolvida.

Capítulo 1 – Descrição do contexto de Prática Pedagógica

“Ensinar é (...) acionar e organizar um conjunto variado de dispositivos que promovem ativamente a aprendizagem do outro.”
(Roldão, 2009, p.11).

Neste capítulo será apresentada uma breve caracterização da instituição de acolhimento, ou seja, o Externato Ribadouro, e do contexto social e cultural em que este se insere. É uma explanação que tem uma perspetiva reflexiva e descritiva do Externato Ribadouro, no sentido em que os lugares como a escola são difíceis de descrever.

1.1 Caracterização da instituição de acolhimento

Todos os elementos presentes nesta caracterização reportam-se ao ano letivo de 2012/2013, e foram recolhidos a partir da:

- Análise de vários documentos internos do Externato, dos quais se destaca o Projeto Educativo (PE), o Regulamento Interno (RI), e o Plano Anual de Atividades (PAA);
- Observação direta do Externato e do contacto estabelecido com a comunidade escolar, principalmente, com o professor cooperante.

O Externato Ribadouro é um estabelecimento de ensino Particular devidamente reconhecido pelo Ministério da Educação e encontra-se sediado na Rua de Santa Catarina, bem no centro da cidade, ou seja no Centro Histórico do Porto. Pertence à freguesia de Santo Ildefonso, que contempla uma área de 128 (ha) e 10591 habitantes e pertence ao município do Porto.⁴ Tem como concelhos limítrofes V. N. Gaia, Gondomar, Matosinhos e Maia.

⁴ Dados recolhidos: Junta de Freguesia de Santo Ildefonso (<http://www.jf-stildefonso.pt/?s=7&ss=19>) em 17/07/2013



Figura 1: Externato Ribadouro

Em 2011 alargou as suas instalações, criando um novo polo na Rua do Bonjardim, contribuindo para uma nova dinâmica desta zona da cidade Invicta que acusava sinais de algum envelhecimento urbano.



Figura 2: Externato Ribadouro - Instalações da Rua do Bonjardim

Esta expansão deveu-se ao facto do crescente número de alunos que frequentam a instituição e que conta também com uma grande lista de espera. Esta situação deve-se em grande parte ao ranking que o Externato foi tendo nos exames nacionais nos últimos anos.

Os edifícios do Externato Ribadouro, tanto da rua de Santa Catarina como da rua do Bonjardim, caracterizam-se por manterem a traça original exteriormente, sendo que no interior são funcionais e misturam alterações arquitetónicas recentes com a planta original dos mesmos. As salas estão dotadas na sua maioria por quadros brancos de beiras de alumínio, sendo que algumas dispõem de quadros interativos e de videoprojetor. Existem também dois campos de jogos cobertos para a prática desportiva, dois auditórios e bares para estudantes e professores. A secretaria encontra-se no edifício sede, ou seja, na rua de Santa Catarina, juntamente com a sala da Direção.

O Externato Ribadouro é uma instituição particular frequentada por alunos provenientes de famílias com recursos financeiros, são jovens viajados e com acesso a diversos bens culturais. Nitidamente, os alunos que frequentam esta instituição fazem parte de uma classe média, média-alta, abundando entre os mesmos telemóveis de última geração e material escolar de qualidade.

No global o ambiente escolar é bom, sendo de grande convívio entre discentes, docentes e não docentes. Como o Externato Ribadouro contempla todos os ciclos de ensino, desde o Pré-Primário ao Secundário, nota-se um grande controlo por parte do pessoal não docente. Sente-se segurança mal se entra nos edifícios, o que para os encarregados de educação é uma mais-valia. Durante os períodos de intervalo o barulho é uma constante, no entanto, após o toque de entrada impera um silêncio disciplinado, o que denota uma diferença para quem já lecionou em escolas públicas. O número total de pessoal não docente é de 24 e de pessoal docente é de 132⁵, embora alguns destes docentes não estejam a tempo inteiro pois estão, também, nos outros colégios do grupo, neste caso o Colégio da Trofa e Colégio Camões.

Segundo o Regulamento Interno, o funcionamento do Externato é das 07h da manhã até às 20h de segunda a sexta, exceto feriados. O seu organigrama é composto pela Direção (Entidade Titular), Direção Pedagógica, Coordenadores Pedagógicos (1 por cada ciclo de ensino num total de 5), Conselho Pedagógico, Departamento Curricular, Conselhos de Grupo,

⁵ Dados retirados do Projeto Educativo do Externato Ribadouro

Coordenador de Departamento, Conselhos de Turma e Diretores de Turma. Todos estes cargos são atribuídos anualmente pela Direção Pedagógica, sendo exceção a Direção e a Direção Pedagógica.⁶

Os objetivos do projeto educativo da instituição privilegiam:

- criar um instrumento consensual de trabalho conducente ao sucesso da ação Educativa;
- cumprir os objetivos da Reforma do Sistema Educativo contemplado, não só o domínio de aquisições fundamentais para o desempenho de papéis socialmente úteis, como a dimensão pessoal de formação e a dimensão para o exercício da cidadania;
- estabelecer condições gerais que permitam aos alunos a apropriação do saber, do saber-fazer e do saber-ser numa perspetiva integral de forma multidisciplinar;
- proporcionar aos atores da ação educativa uma diversidade de situações no sentido de ir ao encontro dos interesses dos alunos e provocar-lhes apetências de aprendizagem;
- mobilizar os saberes dos alunos de modo a fazer emergir a sua autoestima, a desenvolver a sua capacidade de respeito pelo outro e cooperação, bem como a capacidade de traçar percursos autónomos;
- facultar processos de aprender a aprender, saber estudar e saber pesquisar, criando meios que despertem o interesse por uma aprendizagem permanente;
- proporcionar condições para que os alunos intervenham diretamente na sua aprendizagem e possam agir no meio envolvente, de forma atuante e crítica;
- atuar dinamicamente pelo contínuo estímulo à capacidade criativa e iniciativa individual e coletiva;
- assegurar o desenvolvimento de uma cultura humanística, científica visando formar indivíduos conscientes e cidadãos responsáveis;
- fazer a ligação escola-meio-vida, implicando toda a comunidade educativa;
- permitir uma melhor rentabilização dos recursos, saberes e experiências;
- evitar possíveis disfuncionamentos.⁷

⁶ Dados retirados do Regulamento Interno do Externato Ribadouro

⁷ Dados fornecidos pelo Projeto Educativo do Externato Ribadouro

Por último, referimos que o Externato promove intercâmbios escolares e visitas de estudo, permitindo um novo conceito de cidadania e prepara os alunos numa perspetiva globalizante. O Externato estabelece protocolos com universidades estrangeiras com o objetivo de certificar os seus alunos nas línguas estrangeiras – Inglês, Espanhol e Francês. Ou seja, a instituição tenta ser atrativa, não só pela sua boa classificação no ranking dos exames nacionais, mas também em atividades que cativem mais membros para a sua comunidade escolar.

1.2. Descrição das funções do profissional e do seu papel enquanto estudante da Prática Pedagógica na instituição

O papel do professor tem vindo mudar num mundo também ele em mudança. Segundo Perrenoud (1999), a formação de professores deve assentar numa prática reflexiva, para a inovação e a cooperação. Sendo estes pressupostos, orientações prioritárias para a formação de professores. Diga-se que parte desta teoria tem por base a tese de Shön (1987) que é o primeiro investigador a abordar a questão da reflexão na ação. A nível nacional parte desta orientação da formação de professores é defendida por Nóvoa quando o autor afirma que *“a formação de professores deve assumir uma forte componente prática, centrada na aprendizagem dos alunos e no estudo de casos concretos, tendo como referência o trabalho escolar”* (2007, p.4).

O professor estagiário deve ser então um ator educativo que tem por base a sua capacidade reflexiva, ou seja, um professor reflexivo, como defendem Oliveira & Serrazina (2002, p.34):

“O professor reflexivo é, então, o que busca o equilíbrio entre ação e o pensamento e uma nova prática implica sempre uma reflexão sobre a sua experiência, as suas crenças, imagens e valores. Assim, uma prática reflexiva proporciona aos professores oportunidades para o seu desenvolvimento, tornando-se os profissionais mais responsáveis, melhores e mais conscientes.”

A preparação para o assumir de funções na prática pedagógica, por parte dos docentes, remete-nos para o campo pedagógico, mas também científico. Se para o campo científico o estudante obtém a sua preparação através das unidades curriculares da Pós-Graduação em História e Geografia, no qual contactou com diferentes campos do saber geográfico, desde a Geografia Física à Geografia Humana, no campo pedagógico a situação muda. Ou seja, para além dos conhecimentos teóricos adquiridos e desenvolvidos através das unidades curriculares do Mestrado em Ensino da História e

Geografia no ensino Básico e Secundário, existe também a realização de uma prática pedagógica onde o estudante irá poder demonstrar, em contexto prático – sala de aula - todas as competências adquiridas.

Mas o que se espera de um professor estagiário em Geografia? Primeiramente devemos centramo-nos nas Normas Regulamentares específicas do Mestrado acima mencionado e também nas fichas de unidade curricular para que se possa entender o que é expectável num estudante de prática pedagógica.

Assim sendo, e no que toca à realização da prática pedagógica espera-se que o estudante:

-Forme a capacidade de reflexão do professor sobre a prática, consciencializando decisões, condutas e dilemas;

-Desenvolva a capacidade do professor de tomar decisões fundamentadas e de resolver problemas profissionais;

-Conheça os documentos oficiais da instituição de acolhimento da Prática Pedagógica;

-Caracterize a instituição de acolhimento da Prática Pedagógica e o público-alvo;

-Integre a equipa de trabalho da instituição de acolhimento da Prática Pedagógica;

-Planifique e realize as atividades de Prática Pedagógica;

-Revele responsabilidade, empenho e disponibilidade no desenvolvimento das tarefas de Prática Pedagógica;

-Aplique os conhecimentos e competências obtidos nas unidades curriculares do curso de mestrado;

-Desenvolva a capacidade de compreensão e de resolução de problemas em situações novas e não familiares em contextos alargados e multidisciplinares.

Mas além desta participação espera-se que o estudante de Prática Pedagógica desenvolva capacidades de tomada de decisão fundamentada e que resolva problemas profissionais, que comunique decisões, que interaja com os diversos intervenientes da comunidade escolar onde se insere, que seja responsável, humilde e que aplique conhecimentos obtidos nas unidades curriculares.

O Externato onde realizei a Prática Pedagógica pauta-se por ser uma referência ao nível das instituições privadas do norte do país. Assim sendo, grande parte dos seus alunos, pais e Direção tem altas expectativas relativamente ao futuro dos discentes e como tal, exigindo dos seus professores o máximo. A realidade com que me deparei, na turma que me foi atribuída para a realizar a prática pedagógica em contexto de sala de aula, foi um diferente das turmas que fui tendo ao longo da minha carreira profissional. São alunos exigentes, curiosos, motivados e com altos índices de utilização de novas tecnologias. Perante estes padrões teria de estar à altura. Decidi que teria de ser eu próprio, transmitindo aquela energia de quem gosta do que faz, utilizando recursos apelativos, nomeadamente pequenos vídeos com muita cor, informação objetiva assente no manual e em pesquisas bibliográficas e num Powerpoint (PPT), bem como numa interação constante com os alunos de forma a poder explorar a curiosidade típica de alunos adolescentes.

Por último, referir ainda a cooperação solidária, participativa e motivadora que senti por parte de todos os elementos desde o Professor Orientador aos restantes colegas.

Capítulo 2 – Explicitação do plano de Prática Pedagógica em Geografia

“Por um lado, hoje assistimos ao movimento de afirmação de autonomia do professor como prático reflexivo e construtor dos seus saberes profissionais que poderia ir ao encontro da autonomia que teoricamente tem sido conferida à escola nos últimos decénios. Por outro lado, assistimos, talvez por razões económicas, a uma diversificação, complexidade e intensificação do tempo de trabalho que têm limitado essa autonomia e deixado marcas na identidade dos professores.”

(Estrela, 2010, pp.7-8)

No presente capítulo consta a planificação de toda a Prática Pedagógica e o respetivo cronograma de atividades. É realizada a caracterização dos alunos da turma, diagnosticando as necessidades dos mesmos.

2.1 Cronograma de atividades

Dando início à Prática Pedagógica, professor orientador e professores estagiários têm de definir um cronograma de atividades de forma a poderem alicerçar toda esta unidade curricular. Esta componente curricular é de suma importância dado permitir aos futuros professores, neste caso de Geografia, exercerem a sua futura atividade profissional, sempre com orientação/supervisão. Segundo Alarcão e Tavares (1987, p. 197):

“Entendemos supervisão como o processo em que um professor, em princípio mais experiente e mais informado, orienta um outro professor ou candidato a professor no seu desenvolvimento humano e profissional. Depreende-se desta noção que a supervisão tem lugar num tempo continuado, pois só assim se justifica a sua definição como processo. Tem um objetivo: o desenvolvimento profissional do professor. E situa-se no âmbito da orientação de uma ação profissional; daí chamar-se-lhe também orientação da prática pedagógica. Resta, então, esclarecer o que se entende por orientação, já que é precisamente neste ponto que normalmente residem as divergências quanto ao «modus faciendi» da prática da supervisão”

Foi com naturalidade que o efeito borboleta apareceu de novo, nomeadamente após vários anos da realização do primeiro estágio pedagógico, de todos os elementos do Núcleo de Estágio (NE), eis que chega um segundo capítulo. Desta vez numa instituição privada, ao contrário do primeiro que foi para todos nós numa escola pública. Ou seja, foi o retomar da incerteza, da preocupação de se estar à altura do esperado e de não querer falhar.

Iniciámos a Prática Pedagógica em contexto de escola formalmente no dia 08 de março de 2013. Nesse dia fomos conhecer pessoalmente o nosso professor cooperante. Após apresentações o professor cooperante João Amaral apresentou o seu horário de trabalho, as turmas e os respetivos anos em que estava a lecionar. Ficou decido que seriam entregues ao Núcleo de Estágio duas turmas de 7º ano e uma de 8º ano. Dada a possibilidade, todos concordamos que as quintas-feiras seriam o dia da semana indicado para idas ao Externato Ribadouro (ER) pois durante esse dia existiam aulas das turmas de regência. Para terminar esse primeiro encontro o professor cooperante

deixou ao critério a distribuição das turmas e disponibilizou-se para na reunião seguinte apresentar o plano de estágio. Assim, no dia 05 de abril de 2013 foi-nos entregue o plano de estágio, que se encontra sistematizado na planificação seguinte:

Atividades dos estudantes de Prática Pedagógica

- 15 de março de 2013
- Participação numa reunião de departamento.

- Semana de 2 a 5 de abril
- Preparação dos conteúdos a desenvolver nas aulas assistidas;
- Análise dos manuais utilizados;
- Reunião com o professor cooperante.

- 11 de abril de 2013
- Assistência às aulas de professor cooperante:
- 8h20m – 9h50m (90 minutos) turma 8ºA
- 10h00m – 11h30m (90 minutos) turma 7ºB
- 14h20m – 15h50m (90 minutos) turma 7ºA

Total – 270 minutos

- Semana de 22 a 26 de abril
- Reunião com o professor cooperante;
- Elaboração de um teste de avaliação de etapa a ser utilizado na semana seguinte.

- Semana de 29 de abril a 3 de maio de 2013
- Reunião com o professor cooperante;

- Análise e finalização dos planos de aula e material em anexo para a semana seguinte.
- Preparação da exposição ***dia da Europa*** para a semana seguinte.
- 9 de maio de 2013
- Lecionação de aulas por parte dos estagiários:
 - 8h20m – 9h50m (90 minutos) turma 8ºA
 - 10h00m – 11h30m (90 minutos) turma 7ºB
 - 14h20m – 15h50m (90 minutos) turma 7ºA
- Reunião com o professor cooperante.

Total – 90 minutos por estagiário

- Assistência de aulas dos colegas por parte dos estagiários:
 - 8h20m – 9h50m (90 minutos) turma 8ºA
 - 10h00m – 11h30m (90 minutos) turma 7ºB
 - 14h20m – 15h50m (90 minutos) turma 7ºA
- Reunião com o professor cooperante.

Total – 180 minutos por estagiário

Trabalho a desempenhar durante o período de estágio

Os professores estagiários propõe-se a:

- ✓ Assistir às aulas do professor cooperante, nas turmas 7ºA, 7ºB e 8ºB, do ensino básico num total de três sessões de noventa minutos, fazendo-se o registo das presenças em documento próprio;
- ✓ Prestar o serviço de regência nas turmas nas turmas 7ºA, 7ºB e 8ºB do professor cooperante, num total de 90 minutos, fazendo-se o registo das regências em documento próprio;
- ✓ Assistir às aulas dos colegas no núcleo de estágio, nas turmas 7ºA, 7ºB e 8ºB dos colegas estagiários, num total de 180 minutos, fazendo-se o registo das presenças em documento próprio;
- ✓ Participar nas reuniões de pré e pós observação de aulas;
- ✓ Elaborar ou co elaborar os documentos associados à prática docente (planificações, planos de aula, materiais didáticos, situações avaliativas, etc.);
- ✓ Selecionar os temas a serem trabalhados nas reuniões do núcleo de estágio, a saber, todos aqueles que se enquadrem nas temáticas trabalhadas nos anos de regência;
- ✓ Refletir sobre as aulas observadas e documentos associados;
- ✓ Dinamizar a organização da atividade de Geografia “Semana da Europa”, no âmbito do Plano Anual de Atividades do Externato Ribadouro;
- ✓ Participar numa reunião de Departamento ou grupo disciplinar, em março.
- ✓ Participar numa reunião de Conselho de Turma, em junho;

O trabalho a realizar pelo Núcleo de Estágio foi alvo de reflexão e debate, tendo sido aceite por todos, até porque este tinha como base o cálculo da distribuição de horas de Prática Pedagógica proposta pela Universidade Portucalense.

Cronograma das Atividades Realizadas			
Atividade	Geografia		Total
Lecionação das aulas de dia 09/05/2013	2 aulas	2h	2h
Observação das aulas do professor orientador de núcleo de estágio no dia 11/04/2013	3 aulas	6h	6h
Observação das aulas dos colegas de estágio no dia 09/05/2013	2 aulas	4h	4h
Reuniões pré-observação das aulas a lecionar	2 reuniões	4h	4h
Reuniões pós-observação das aulas que lecionou	1 reuniões	2h	2h
Reuniões pós-observação das aulas que observou nos colegas	2 reuniões	4h	4h
Planificar aulas	2 aulas	10h	10h
Construir instrumentos de avaliação		4h	4h
Corrigir instrumentos de avaliação		4h	4h
Analisar resultados		4h	4h
Reuniões de Conselho de Turma	1 reunião	2h	2h
Reuniões de Departamento ou de Grupo Disciplinar	1 reunião	1h	1h
Colaborar na dinamização do PAA	1 ou mais atividade(s)	6h	6h
Analisar os instrumentos reguladores da vida da escola	PEE, PCE, RI, PAA, PCT's,	7h	7h
Analisar os instrumentos reguladores das aprendizagens	Programas, Metas de Aprendizagem	3h	2h
Elaborar atas do núcleo de	2 atas	2h	2h

estágio			
Outras reuniões do núcleo de estágio, nomeadamente reunião final de auto e heteroavaliação do estágio		4h	4h
			60h

Tabela 1 – Cronograma das atividades realizadas

2.2 Caracterização da turma 7ºB

O 7º B seria a turma onde faria regências e para efetuar uma melhor contextualização dos alunos da turma, fui no dia 19 de abril assistir à aula do professor cooperante, João Amaral, conjuntamente com os restantes elementos do núcleo de estágio. Pude constatar que a turma em questão era extremamente interventiva, disciplinada, atenta e com altos índices de concentração. Tomei conhecimento, através do professor cooperante, que as notas à disciplina de Geografia eram elevadas e que os alunos eram bastante curiosos. Mas em concreto como é esta turma? Quais os seus hábitos? O que esperaria o Conselho de Turma destes jovens? Assim sendo, fiz a análise do Plano de Turma (PT) e constatei vários fatores.

Constituição da turma

A turma é composta por 26 elementos, 12 raparigas e 14 rapazes. Deste total apenas cinco alunos são novos, os restantes transitaram de ano, mudando apenas de ciclo. A Delegada de turma é uma aluna e o Subdelegado um aluno, havendo assim uma distribuição de cargos entre os dois sexos.

Idade dos alunos

A grande maioria dos alunos desta turma (21 alunos) possui 12 anos, tendo os restantes 11 anos, o que revela que têm realizado uma escolaridade normal.

Horário e docentes

O horário escolar é essencialmente preenchido da parte da manhã, com entrada às 8:20m e com saída às 12:40m, com exceção das segundas-feiras e quintas-feiras em que saem pelas 13:10. Da parte da parte estão contempladas as terças-feiras, quintas-feiras e sextas-feiras com períodos letivos. No que respeita aos docentes, estes são num total de treze, seis mulheres e sete homens, sendo que um docente leciona duas disciplinas.

Proveniência dos alunos da turma

Todos os alunos da turma residem no distrito do Porto, na própria cidade ou nos concelhos limítrofes.

Percurso escolar e métodos de trabalho

Nenhum dos alunos da turma apresenta retenções durante o seu percurso escolar. Todos os elementos da turma frequentaram o ensino pré-escolar, o que indicia a preocupação dos Encarregados de Educação em proporcionar, desde cedo, formação de base para um percurso escolar acompanhado e responsável. A maioria dos alunos afirma estudar diariamente – 16 alunos. Tal situação pode facilitar o bom desempenho dos mesmos, pelo que, é necessário continuar a incentivá-los para que mantenham esta postura.

Todos os alunos desejam prosseguir estudos até ao Ensino Superior, podendo denotar vocação para o estudo. Intui-se que as expectativas pessoais e familiares são elevadas quanto ao aproveitamento escolar.

Os alunos e a escola

A maioria dos alunos manifestaram gostar muito da escola, que veem como segunda casa. Há, portanto, condições de bem-estar que poderão refletir-se numa motivação para a aprendizagem.

Todos os alunos referiram que gostam muito dos professores, porque são exigentes, trabalhadores e competentes. Este dado pode também contribuir para a motivação das aprendizagens.

Ocupação dos tempos livres

A ocupação dos tempos livres é muito diversificada, pelo que, os alunos manifestaram alguma dificuldade em fazer opções por ordem de preferência. De qualquer forma, salientaram jogar computador, ver televisão e ler. Assim, constata-se que parte da turma apresenta hábitos de leitura, sendo uma situação que poderá beneficiar o aproveitamento dos alunos com reflexos em várias áreas do saber, já que a leitura é uma referência que cruza com diversas competências gerais e específicas ao nível da compreensão/comunicação; do vocabulário e da criatividade.

Agregado familiar

A maioria dos alunos vive com os pais e um irmão ou irmã. Três alunos vivem apenas com a mãe.

Habilitação literária dos pais

A maioria dos pais dos alunos apresenta como grau académico a licenciatura. Esta situação pode ser facilitadora para a aprendizagem dos alunos já que os pais podem apoiar os filhos no seu progresso escolar.

Saúde e alimentação

Dez alunos referem que têm problemas de saúde. Nove alunos referem que possuem problemas de índole visual salientando-se um que apresenta daltonismo. Dois dos alunos referem que sofrem de problemas asmáticos.

Os alunos desta turma apresentam um número médio de horas de sono bastante elevado. Com efeito a maioria dos alunos dorme em média 9 horas.

Todos os alunos fazem 4 refeições diárias, tendo por hábito tomar o pequeno-almoço em casa. No que diz respeito ao almoço, verifica-se que os alunos se distribuem entre o almoço em casa e na escola. Estas escolhas estão dependentes do local onde vivem, da disponibilidade dos transportes ou dos seus pais e do horário, pois quando os alunos têm aulas de tarde é mais frequente almoçarem na escola.

Atividades extracurriculares

A maioria dos alunos da turma frequenta atividades complementares após o horário letivo. Realizam diferentes atividades que vão desde desporto (natação, futebol, karaté, ginástica, dança, andebol, basquetebol e vela), a Instituto de inglês e música.

Objetivos principais do plano de turma

- a) Promover o trabalho em equipa dos professores.
- b) Centrar a ação educativa na aprendizagem dos alunos.
- c) Promover a coordenação do processo de aprendizagem e a harmonização das mensagens socializadoras.
- d) Estabelecer uma linha de atuação comum dos professores da turma em todos os domínios da sua ação perante os alunos.
- e) Facilitar a articulação horizontal dos conteúdos do ensino e a integração dos saberes.

f) Adequar as estratégias de ensino às características dos alunos, explorando as suas motivações e interesses.⁸

Estes objetivos estipulados pelo Conselho de Turma visam motivar os alunos para a participação e envolvimento gradual na construção da sua aprendizagem, desenvolver competências socioafetivas e criar um ambiente na sala de aula capaz de promover o conhecimento. O Núcleo de Estágio norteou-se por estes objetivos, pois além de bem definidos também iam ao encontro do desejado na Prática Pedagógica.

⁸ Dados retirados do Plano de Turma do 7º B

Capítulo 3 – Descrição e fundamentação das atividades de Prática Pedagógica

“Saber o quê, como e porquê ensinar, aprender e fazer aprender, constitui-se como desafio de melhoria sistemática das experiências profissionais de Professores, o que passa pela investigação das condições e do sentido das práticas que desenvolvem”
(Silva, Braga & Cruz, 2011, p.13).

Neste capítulo irá ser abordada a planificação, realização e a avaliação das aprendizagens. Pretende-se realizar uma descrição e fundamentação das atividades desenvolvidas em contexto de Prática Pedagógica no âmbito da disciplina de Geografia e da participação na escola e relação com a comunidade.

3.1 Organização e gestão do ensino e da aprendizagem em Geografia

A intervenção pedagógica requer uma ideia de ação, um fio-condutor, tendo em conta o que pretendemos fazer e com que finalidade. É com a prática pedagógica que se desenvolve a capacidade de pensar e planificar em contexto escolar, ou seja, existe uma conexão entre teoria e prática. O “jogo pedagógico” entra então no tabuleiro da ação e faz os professores jogarem, ou seja, pensarem exaustivamente em cada movimento, cada passo e nas respetivas implicações dessas mesmas jogadas. Assim sendo, são nestas circunstâncias que os profissionais da área se tornam capacitados para poderem crescer e desenvolver-se profissionalmente. Nesse sentido Zabalza (2001, p.3) refere que um professor é um *“autêntico agente tradutor e filtrador, a nível de ensino, dos pressupostos e das planificações realizadas a nível superior”*.

Assim sendo, como será aprender Geografia? Para que serve a Geografia? Segundo Ribeiro (2012, p, 147):

“A utilidade do ensino da Geografia é indiscutível: ela está na base tanto da compreensão do mundo dos nossos dias como do nosso país, da diversidade das regiões, das causas do seu atraso e dos remédios com que se pode acudir a ele”

Já Moreira (2011, p.21), citando a Carta Internacional de Educação Geográfica, refere que a Geografia é descrita como a *“ciência que procura explicar as características dos lugares e a distribuição da população, dos fenómenos e acontecimentos que ocorrem e evoluem à superfície da terra”*. Nesse sentido Santos (2007, p.35), afirma que *“o ensino da Geografia deve, portanto, contribuir para que o aluno possa compreender melhor o frenético e fascinante mundo em que vive e sentir-se estimulado a intervir solidariamente na realidade em construção, aceitando participar como agente de transformação social”*. Assim sendo e entendendo o valor formativo e social da Geografia, devemos dotar os alunos de mais cultura, mais informação, capacidade de análise, de juízo e compromisso.

Tendo em conta o acima referido era necessário planificar. Para Zabalza (2001), planificar é transformar uma ideia numa forma de ação.

Planificação

Para iniciarmos a planificação fez-se o conhecimento do meio social e da turma que iria lecionar, neste caso o 7º B. É então chegado o momento de realizar as escolhas pedagógicas, ou seja, a base de trabalho. A planificação das aulas é peça fundamental para que o profissional seja bem-sucedido. É pela planificação que se prevê e estabelece caminhos que possam nortear melhor a execução e ação educativa. Para iniciarmos a planificação recorreu-se ao modelo proposto pela Universidade Portucalense, para os planos de aula em Geografia. Esse modelo contempla no topo uma informação base sobre a disciplina, o sumário, a turma, o ano a lecionar, a data, a temporização e os nomes dos professores. No restante temos uma situação-problema, que no fundo não são mais do que as questões orientadoras da aula, metas de aprendizagem a desenvolver, esquema conceptual, informação e conteúdos novos, objetivos da aprendizagem, sequência da aula, recursos, avaliação intercalar, diferenciação pedagógica e avaliação final. Mas, o plano de aula não é rígido nem absoluto. Deve ser utilizado de forma flexível, sendo adequado ao nível cognitivo dos alunos. Planificar é o pensamento elaborado do professor, levado a cabo antes da intenção.

As planificações são um elemento de debate entre o professor estagiário e o professor orientador, o qual através de sugestões oportunas contribui, principalmente pela sua experiência. Depois de ter recolhido informação acerca dos alunos com o professor Orientador, pois este também tinha o cargo de Diretor de Turma, de observar as aulas da turma, avancei para a planificação das unidades didáticas. No entanto, conforme referem Martín Diaz e Kempa (1991), nem sempre os supostos “melhores” materiais didáticos são os mais adequados, tudo depende do interesse e motivação dos alunos.

Num primeiro momento foi indispensável definir uma planificação daquilo que ia ensinar, duas aulas consecutivas, ou seja, dois blocos de 45 minutos,

num total de 90 minutos. Assim sendo, consultei as planificações anuais e de médio prazo com o intuito de preparar as estratégias a usar.

Depois de ter reunido com o orientador sobre os conteúdos que ira lecionar (anexo 2), e com base nessa informação iniciei a planificação da aula. A temática em questão foi a Unidade B2 – Climas, Biomas e Produções Agrícolas. Após saber a temática foi consultar as Metas Curriculares do 3º Ciclo de Geografia de forma a poder saber o que pretende o Ministério que os alunos saibam. Assim foi, percebi então que teria de centrar a planificação na abordagem das diferentes regiões climáticas, respetivos climas, biomas e produções agrícolas. Foi consultada ainda abordagens científicas relacionadas com a temática acima referida. Recorri principalmente a Strahler (2011, p. 2018) onde pode verificar o seguinte, *“the Earth’s climates span a huge range of environments, from hot, wet equatorial forests, to dry, barren deserts, to bitterly cold expanses of snow and ice”*.

Elaborou-se então a planificação (anexo 3), recorrendo-se em grande parte dela às Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), recurso pedagógico cada vez mais criativo e útil conforme refere Ferreira (2010, p.17):

“Numa sociedade cada vez mais exigente e com um ensino escolar em que o modelo expositivo deve ser evitado, o professor deve ser criativo e flexível no processo de estruturação da aula. Assim sendo o uso de novas tecnologias pode ser um recurso pedagógico fundamental, e dessa forma além do livro didático, outros recursos didáticos passam a ser utilizados pelos professores no processo de ensino-aprendizagem.”

A aula

Após a planificação da aula eis que a mesma terá de ser colocada em prática. Ou seja, passaremos do plano teórico para o plano prático. A aula centrou-se na seguinte situação-problema:

Como se distinguem os climas no Mundo?

Quais as principais características dos climas frios, temperados e quentes?

Assim sendo, iniciou-se a mesma com o recurso à técnica de ensino *Brainstorming* de forma a solicitar aos alunos os seus conhecimentos prévios de temperatura e precipitação. Fazendo-se aí uma pequena avaliação diagnóstica. Esta técnica tem por base explorar novas ideias sobre um determinado tema.

De seguida apresentou-se um PowerPoint (PPT) (anexo 4), no qual se incluíram as zonas climáticas, segundo Daveau (1976), através de um mapa do planeta terra, com os climas quentes, frios e temperados e as suas respetivas especificidades. Juntamente com os climas iriam ser analisados gráficos termopluiométricos, o respetivo TMA (Temperatura Média Anual), ATA (Amplitude Térmica Anual) e PT (Precipitação Total). Seguidamente foram passando pequenos vídeos sobre a especificidade dos referidos climas. A minha preocupação centrou-se na temporização, esta situação fez com que tivesse de optar por analisar profundamente apenas quatro climas, em consonância com o orientador.

Durante esta fase da aula foram colocadas questões. Umas fechadas, outras abertas, dependendo do aluno, como forma de diferenciação pedagógica.

Após a colocação de todas as dúvidas por parte dos alunos, foi apresentado num slide um esquema conceptual com o resumo da temática abordada na aula.

No final, um último slide foi colocado em projeção com as regras de construção dos gráficos termopluiométricos, que iriam servir para o professor Orientador iniciar a aula seguinte da turma.

3.2 Participação na escola e relação com a comunidade

A participação na escola e a relação com a comunidade são um elo extremamente importante durante a prática pedagógica. Não é por acaso que a Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei n.º46/86, de 14 de outubro) refere que:

“Pretende-se uma escola que desenvolva uma cultura de participação, que saiba partilhar a educação com a família (principal entidade, responsável pela educação), com trabalhadores não docentes, com a comunidade envolvente e assim todos possam contribuir para o desenvolvimento pleno e harmonioso dos indivíduos (...)”

Assim sendo, podemos afirmar que um dos pontos centrais da prática pedagógica é o envolvimento na comunidade educativa. Desse envolvimento podemos, inclusivamente, constatar os problemas e as respetivas soluções da comunidade escolar que nos acolhe. Claro está que cada docente leva consigo um contributo mais para ajudar a essa participação entre todos.

Inicialmente foram-nos dadas a conhecer as instalações. Podendo ver, desde logo, a existência de instalações determinadas a certos ciclos do ensino, com assistentes operacionais especializados nesses mesmos ciclos de ensino. O ambiente foi bastante acolhedor e podemos dizer que fomos muito bem recebidos por todos os intervenientes, desde pessoal docente a não docente. Procuramos também, dentro do período decorrente da Prática Pedagógica, contribuir para esse espírito de partilha, colaborando em todas as atividades resultantes do Plano de Estágio, já acima referidas.

Particpei numa reunião do departamento de ciências sociais e humanas, onde tivemos a oportunidade de conhecer os docentes do grupo de Geografia e também de outros grupos pertencentes ao departamento em questão. Nesta mesma reunião foi abordada a preparação do Dia da Europa, que seria constante do Plano de Anual de Atividades (PAA) do Externato e que tinha como principais dinamizadores o grupo de Geografia. Assim sendo, ficou logo definido que o Núcleo de Estágio teria de se envolver na dita atividade e assim poder contribuir na dinamização da mesma. Ideias não faltaram e ficou definido que na próxima reunião do Núcleo de Estágio iria ser traçado o plano de

concretização da atividade. Realçamos pois o entusiasmo que esta mesma atividade gerou. De referir que esta não se limitou ao grupo de Geografia, pois foi pedido aos docentes de Educação Visual, que auxiliassem na elaboração das cartolinas e no seu preenchimento. Foi definido que no dia 09 de maio de 2013, da parte da manhã, seriam expostos todos os trabalhos realizados e que todos os elementos da comunidade educativa seriam chamados para a visualização da mesma. A atividade decorreu sem incidentes e dela surgiram períodos de convívio e boa disposição.



Figura 3: Núcleo de Estágio na Exposição sobre o Dia da Europa (09/05/2013)



Figura 4: País que faz parte da União Europeia (UE)



Figura 5: Jogos sobre a UE



Figura 6: Alguns dos trabalhos expostos sobre a UE

Este tipo de atividade é de suma importância pois além de ajudar a estreitar laços entre todos os elementos da comunidade escolar, permite realçar um dia importante na história europeia, compreender os períodos de conceção da UE, localizar geograficamente esse países e contribui para uma aproximação e compreensão cultural entre os vários países que compõem a UE.

Por último, convém referir todo o apoio fornecido pela Direção do Externato Ribadouro.

Capítulo 4 – Reflexão crítica e fundamentada sobre os resultados obtidos

“Entende-se o desenvolvimento profissional dos professores como um processo individual e coletivo que se deve concretizar no local de trabalho do docente: a escola; e que contribui para o desenvolvimento das suas competências profissionais, através de experiências de índole diferente, tanto formais como informais.”

(Marcelo, 2009, p.1).

Neste capítulo será realizada uma reflexão crítica fundamentada sobre os resultados obtidos na aprendizagem. Dar-se-á a conhecer o estudo sobre metodologias utilizadas no ensino de Geografia. Por último, será realizada uma reflexão sobre desenvolvimento profissional docente.

4.1 Avaliação Sumativa

Avaliar é um processo complexo. Segundo Longle (2008, p. 17):

“ (...) a literatura aponta de forma relativamente consensual, a existência de quatro grandes ideias estruturantes que marcaram, ao longo dos últimos cem anos a evolução do significado de avaliação: a avaliação como medida; a avaliação como congruência entre objetivos e os desempenhos dos alunos; a avaliação como um julgamento de especialistas e, por fim, a avaliação como uma interação social complexa.”

A avaliação surge essencialmente para que o professor possa aferir se os alunos obtiveram sucesso das aprendizagens, podendo posteriormente intervir sobre esses resultados, bem como ajuda os alunos na percepção da persecução dos seus objetivos. Assim e para Zabalza (2001, p.220):

“Quando avaliamos fazemos uma medição (...) sem medição, uma valorização isolada dá lugar a uma “opinião” subjetiva e não a uma avaliação. A mera percepção, o parecer do professor, não é o apoio suficiente para realizar uma avaliação correta, que tem como um dos seus requisitos a fundamentação apoiada dos dados, objetivos subjetivos, mas suficientemente contrastados. Esse é o papel da “Medição”.”

Para Cortesão (1993, p.44), *“a avaliação sumativa envolve a conclusão sobre o mérito e o valor de um processo já completo ou estabilizado, sendo utilizada para selecionar e responsabilizar.”*

No que se refere à ficha de avaliação sumativa (anexo 5), tendo em conta a verificação do sucesso das aprendizagens, esta contou com três grupos. No entanto, o grupo dois ficou a cargo dos professores estagiários, pois apenas essa parte da ficha de avaliação sumativa continha a temática abordada nas aulas assistidas. Nesse sentido, a primeira questão do grupo dois, pedia aos alunos que preenchessem uma tabela relativa aos tipos de

clima e respetivas subdivisões. Já a questão dois do grupo dois, solicitava aos alunos que seleccionassem a questão correta de um conjunto de possíveis respostas. Por último, a questão três do grupo dois, solicitava aos alunos a observação de um gráfico termopluviométrico, do qual teriam de verificar alguns pontos solicitados.

Assim, iremos apresentar os resultados obtidos na ficha de avaliação sumativa que aplicamos à turma do 7ºB onde lecionamos as aulas, observadas pelo professor cooperante. Dos 26 elementos da turma apenas um não realizou a ficha por se encontrar doente. Refere-se ainda que não existiram notas negativas, conforme se pode verificar pela figura abaixo mencionada.

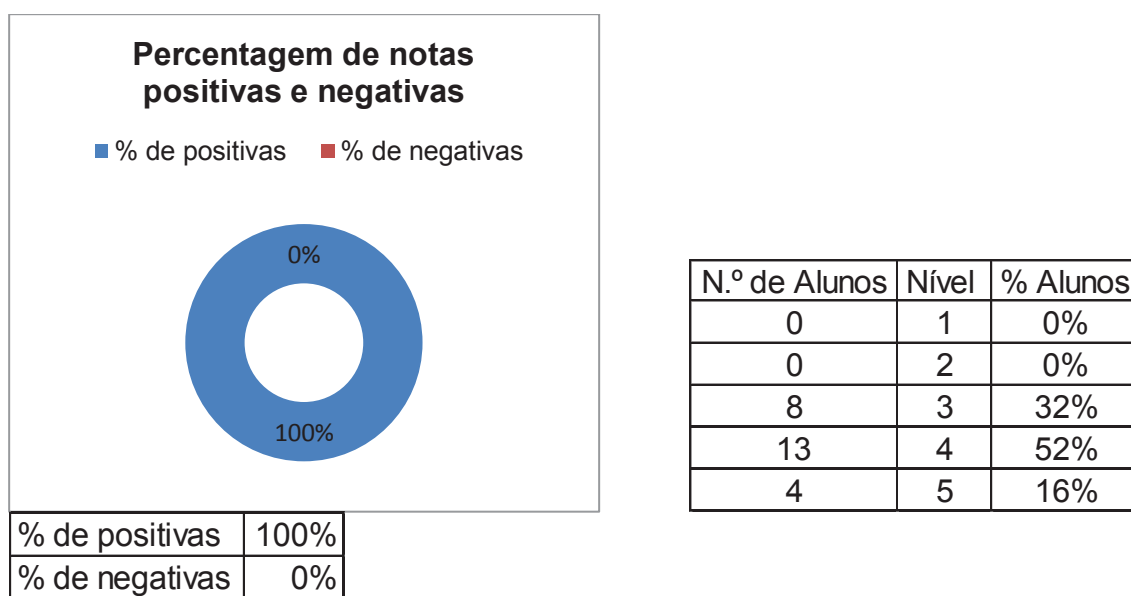


Figura 7: Análise estatística dos resultados da ficha de avaliação sumativa

Regista-se que a média aritmética dos resultados da turma se situou nos 74,2%, sendo a classificação mais alta de 96% e a mais baixa de 51%. Como se pode constatar pelos dados apresentados, a maior percentagem de alunos obteve classificações de nível 4, ou seja entre 75% a 89%. O que revela desde já que estamos na presença de uma turma globalmente homogénea, pois

100% dos alunos têm positiva, sendo que a maior parte apresenta resultados de nível 4 (52%).

No que diz respeito às questões em si, verificamos que no geral, as respostas certas se sobrepõem às incompletas ou erradas/não dadas. Destacando-se claramente as questões 5.1, 5.2 e 5.3 no grupo I e as questões 2.4, 2.5, 3.1.2 e 3.1.5 no grupo II, com uma percentagem entre 90% a 100% conforme podemos ver no gráfico seguinte:

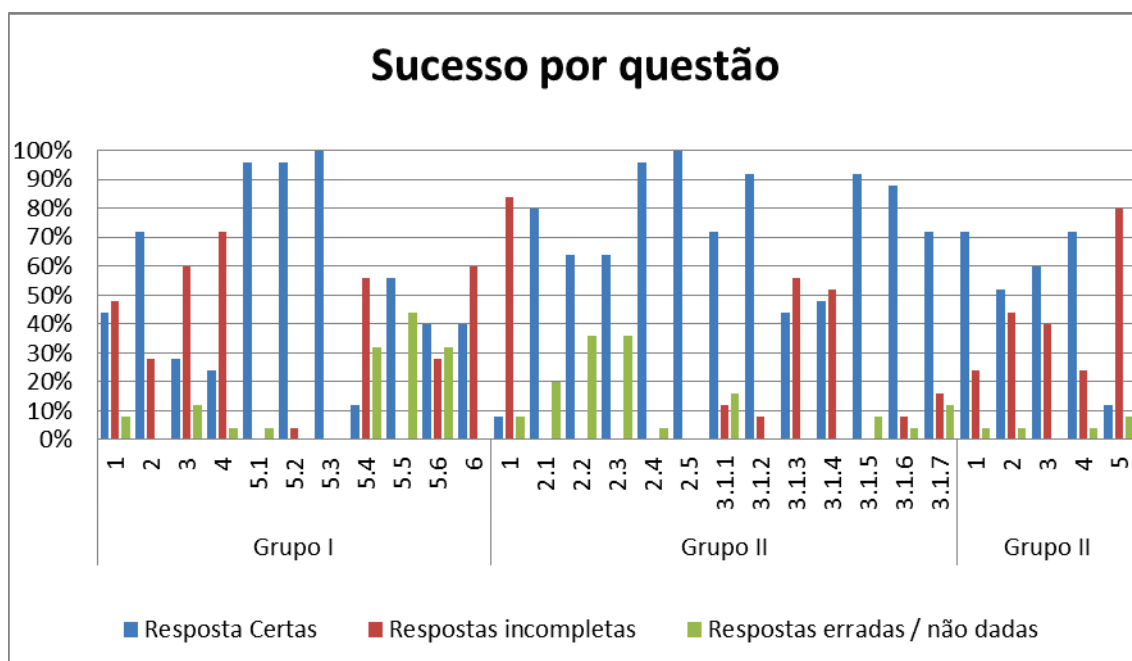


Gráfico 1: Sucesso por questão

No que diz respeito às respostas erradas/não dadas também podemos verificar que não se sobrepõem em nenhuma das questões, o que revela a boa preparação dos alunos.

Como podemos verificar a larga maioria das questões obtiveram respostas positivas. Não é demais salientar que tivemos em conta no grupo II, correspondente ao conteúdo programático que lecionamos, referente à

temática B2 – Climas, Biomas e Produções Agrícolas, a intenção de equilibrar o número de questões, as percentagens e as possibilidades de resposta.

Em jeito de balanço, no que se refere aos resultados obtidos, realizamos uma reflexão acerca da prática pedagógica. A importância desta reflexão foi por nós entendida como uma forma de perceber se o planificado obteve resultados esperados ou se pelo contrário falhou, conforme defende Zeichner (1993, p.20):

“A reflexão depois da ação ocorre quando se analisam os resultados e se extraem conclusões, o que contribui para a melhoria e ajustamento das aprendizagens a promover. Neste período, o professor deve avaliar e refletir sobre a sua prática, de forma a perceber o que falhou e, conseqüentemente, proceder a uma nova planificação fundamentada nas mesmas.”

Concluimos então que a larga maioria dos alunos soube demonstrar capacidade de mobilização dos seus conhecimentos, o que nos leva a crer, após reflexão, que os recursos e estratégias utilizados se revelaram adequados, permitindo atingir os objetivos planeados.

4.2 Estudo: Metodologias de Ensino na Geografia

O mundo e a geografia então em constante mudança, assim como podemos ensinar geografia? Conforme refere Rebelo (1996, p.61) o facto do Ser Humano:

“ao consciencializar-se da sua existência, ter ficado certamente consciente também dos riscos que corria. Primeiro, os riscos eram exclusivamente naturais; e, pouco a pouco, além desses vieram outros decorrentes das suas próprias atividades, tendo ou não componente natural. Hoje, os riscos são já de toda a ordem, desde os naturais aos socioeconómicos e muitas vezes é impossível analisá-los em separado pois constituem-se em verdadeiros complexos de riscos.”

O professor de Geografia está confrontado com um vasto programa, que aborda várias áreas desta ciência, desde a cartografia, passando pelo estudo de risco, até às questões climáticas. Cabe ao professor de Geografia ser o intérprete de um conjunto de conhecimentos geográficos. A Geografia tem sobretudo o poder da imagem, ou das imagens. Para Moreira & Ulhôa (2009, p.73), *“a linguagem dos mapas, desde que compreendida, favorece o entendimento da organização sócio-espacial, na medida em que permite aprender as características físicas, económicas, sociais, ambientais do espaço e sobretudo, realizar estudos comparativos de diferentes paisagens e territórios representados em várias escalas.”*

Segundo André, David & Schoumaker (1999), o ensino da geografia é ou pode ser muito estimulante e formativo pois é uma verdadeira janela aberta ao mundo. Para González (1999, p.12), *“um profissional de ensino da Geografia deve, em primeiro lugar, dominar conceitos que têm a ver com a sua própria matéria mas não se pode desligar de outras áreas importantes do saber”*.

Assim sendo decidiu-se fazer um estudo, através de um inquérito por questionário de forma realizar-se uma análise às práticas docentes em Geografia. Para Quivy e Campenhoudt (1998, p.192), *“o questionário é um*

instrumento de observação não participante, baseado numa sequência de questões escritas, que são dirigidas a um conjunto de indivíduos, envolvendo as suas opiniões, representações, crenças e informações factuais, sobre eles próprios e o seu meio.”

Objetivos de Investigação

Este questionário (anexo 6) tem como alvo a obtenção de indicadores sobre metodologias de ensino, tendo em conta o que os alunos do 3º Ciclo do Ensino Básico de Geografia mais valorizam nas suas aprendizagens. Os principais objetivos de investigação são:

1. Aferir quais as metodologias de ensino que os alunos afirmam que o professor de Geografia mais utiliza em contexto de sala de aula;
2. Identificar os temas de Geografia preferidos pelos alunos;
3. Averiguar se os alunos gostam ou não da disciplina de Geografia e quais as razões subjacentes a esse gosto ou não;
4. Identificar quais as tecnologias de informação e comunicação mais utilizadas pelos professores em contexto de sala de aula.

Caracterização dos participantes no estudo

Neste estudo os participantes são os alunos do 3º Ciclo do Ensino Básico do Externato Ribadouro, com idades compreendidas entre os 12 e os 14 anos e de ambos os sexos, ou seja, masculino e feminino.

A amostra foi selecionada de entre uma população estudantil do externato envolvido no estudo, tratando-se de duas turmas de 7º ano e uma do

8º ano de escolaridade do Ensino Básico. Durante as aulas do professor cooperante foram então administrados questionários, construído no âmbito de um projeto de investigação de docentes do Departamento de Ciências da Educação e do Património da Universidade Portucalense.

Procedimentos de recolha de dados

Este estudo empírico é reflexo de uma proposta de trabalho prático, tendo sido utilizado o método descritivo, no qual se pretende descrever situações e factos analisados de forma quantitativa.

O mesmo foi aplicado através de uma técnica de amostragem por conveniência, dado o estudo estar englobado apenas nas turmas do professor cooperante.

A administração do questionário foi realizada de forma direta, tendo sido estruturado por duas partes. A primeira parte relativa a uma caracterização pessoal do aluno inquirido e uma segunda parte sobre as opções metodológicas no ensino da disciplina de Geografia. Na primeira parte do inquérito tinha-se por base a recolha de alguns elementos, tais como a idade, sexo, dados relativos ao agregado familiar e respetivo percurso escolar, tendo em conta retenção, hábitos de estudo e níveis obtidos. Já na segunda parte foram recolhidas ideias dos participantes no que se refere às temáticas da disciplina de Geografia, que maior e menor interesse suscitam aos alunos, o tipo de utilização tecnológica em sala de aula, as estratégias mais utilizadas pelo professor e a respetiva frequência.

Antes do preenchimento do questionário os alunos foram informados sobre os seus objetivos e estrutura.

Análise de dados

De seguida serão apresentados e analisados os dados obtidos pelos alunos das turmas participantes (7ºA, 7ºB e 8ºB), elaborando-se tabelas e gráficos em alguns casos.

Iniciamos então com uma breve caracterização das turmas. Assim sendo, verifica-se que a maioria dos alunos do 7ºA tem 13 anos, ou seja 60% e os restantes 40% são alunos com 12 anos de idade. A turma B do sétimo ano de escolaridade por seu turno apresenta um equilíbrio maior, sendo que sensivelmente 53% dos alunos tem 13 anos, 43% dos alunos tem 12 anos e um aluno não refere a sua idade o que corresponde aos restantes 4%. Por último, relativamente ao 8º B constata-se que 48% dos alunos tem 13 anos e que 52% tem 14 anos, ou seja, existe uma situação quase igualitária entre as referidas idades, conforme se pode constar no gráfico (gráfico 2).

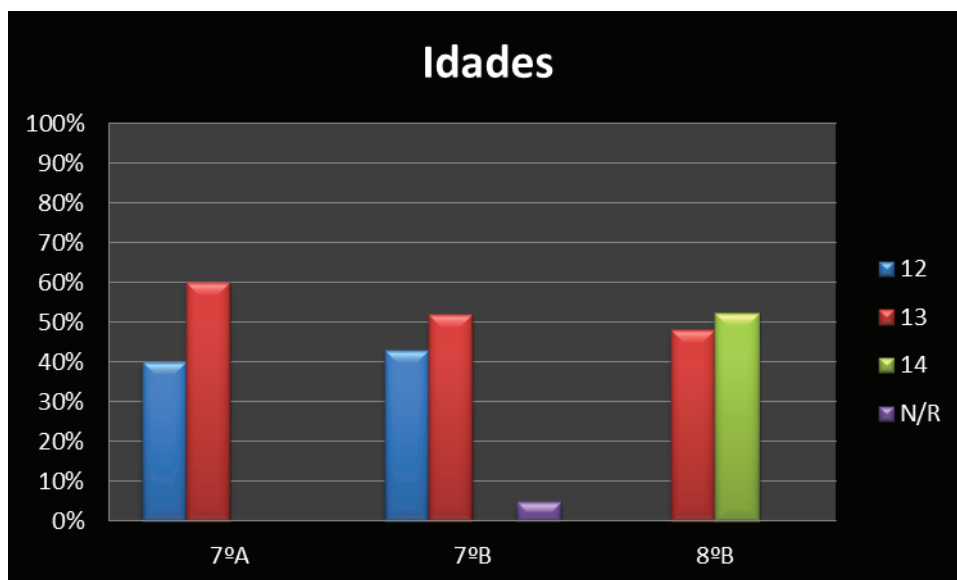


Gráfico 2: Idades dos alunos

No que se refere à divisão dos alunos por sexo, existe um ligeiro equilíbrio nas turmas do 7ºA e do 8ºB, com uma percentagem igual de 52% de

rapazes e 48% de raparigas. Já na turma do 7ºB essa diferença acentua-se com 57% de rapazes e 43% de raparigas. Ou seja, em todas as turmas existem mais elementos do sexo masculino, embora a diferença não seja muito acentuada, conforme se verifica no gráfico (gráfico 2).

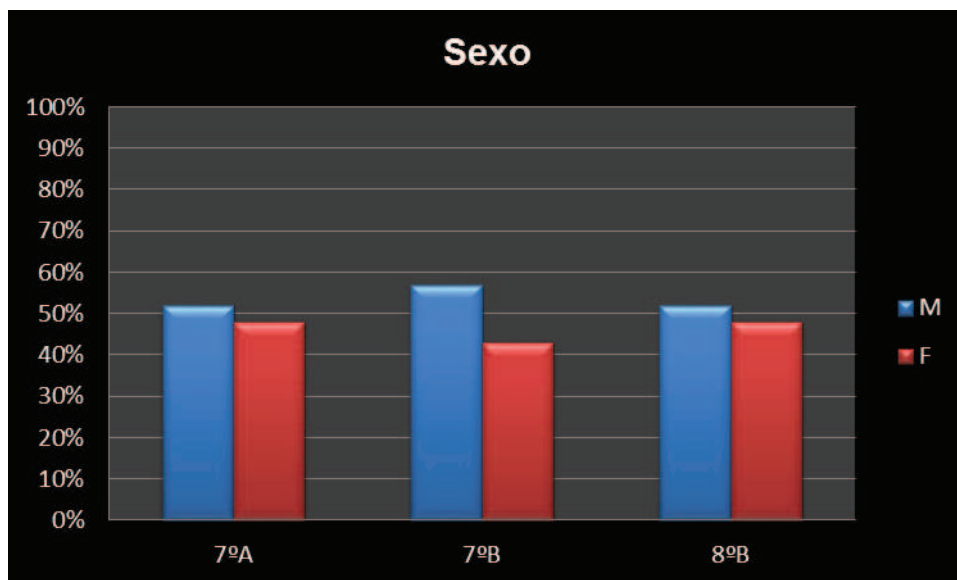


Gráfico 3: Sexo dos alunos

No que se refere ao percurso escolar, podemos constatar que nenhum dos alunos tem retenções. Ou seja, 100% dos alunos das três turmas estão no ano escolar que devem frequentar segundo o panorama escolar português.

Quanto à situação profissional dos pais a esmagadora maioria está empregada. No entanto, difere de turma para turma, sendo que existe 100% de empregabilidade no 7ºB e um pouco menores nas restantes turmas (anexo 7). No que toca à situação profissional das mães esta também pouco varia, ou seja, grande parte está empregada. No entanto, desta vez é na turma do 8ºB que 100% está empregada (anexo 8). Pode-se concluir relativamente à situação profissional, que o desemprego não é expressivo.

Já nas idades dos pais, verifica-se que a maioria se situa entre os 40-49 anos de idade, no entanto no 8ºB a faixa etária 50-59 também é bastante expressiva (gráfico 4).

No respeitante ao percurso escolar dos alunos, as três turmas apresentam o mesmo resultado com 100% de sucesso, não existindo casos de retenção.

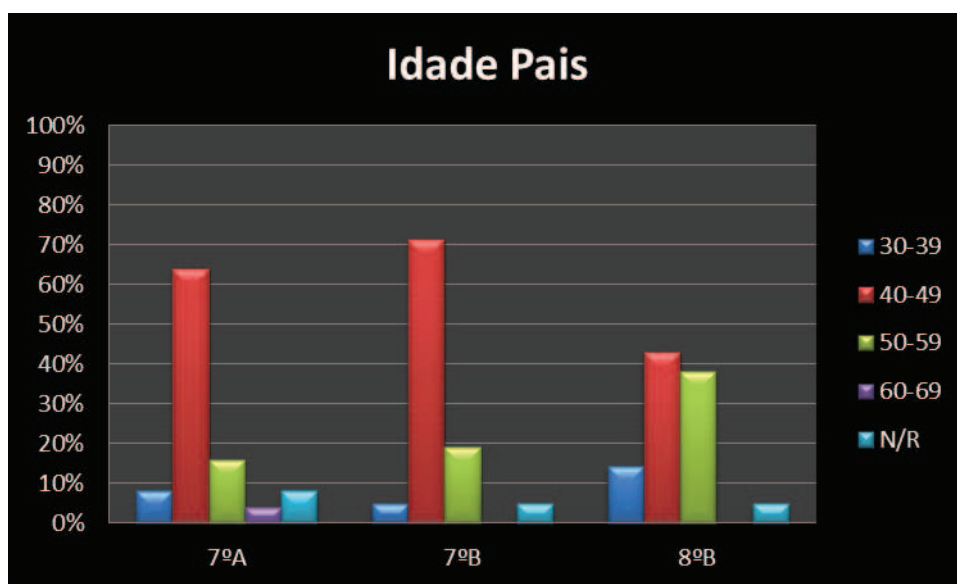


Gráfico 4: Idade dos pais dos alunos por turma

A idade das mães, por seu turno reflete em média, em todas as turmas, uma prevalência da faixa etária 40-49. Ou seja é ligeiramente inferior ao dos seus companheiros (gráfico 5).

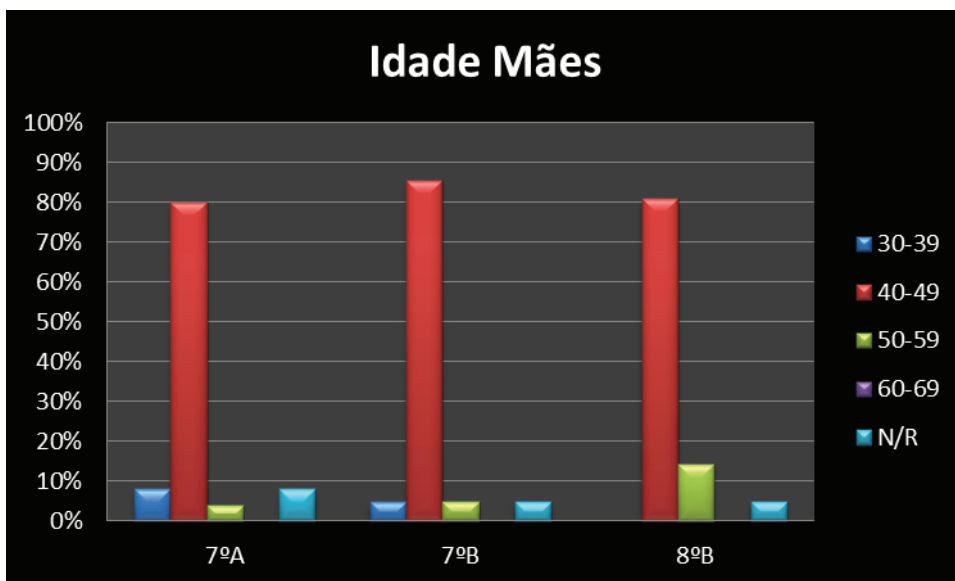


Gráfico 5: Idade das mães dos alunos por turma

No que concerne à habilitação académica dos pais, verificou-se que a grande maioria é licenciada. No entanto, na turma A do sétimo ano uma parte substancial (44%) não sabe responder à questão o que desvirtua um pouco os resultados (anexo 9). Já as habilitações académicas das mães são muito similares aos dos seus companheiros, sendo também a larga maioria licenciada. Na turma do 7ºA, voltou-se a verificar que um grande número de alunos não respondeu à questão (anexo 10). Assim sendo, pode-se concluir que sendo a larga maioria dos pais dos alunos licenciada, poderão ter altas expectativas sobre o desempenho escolar dos seus filhos, fazendo parte da chamada classe média, média/alta da sociedade local.

Para a segunda parte do inquérito, respeitante às opções metodológicas no ensino da disciplina de Geografia, verificou-se que a esmagadora maioria dos alunos (acima dos 80%), gosta da disciplina (gráfico 6).

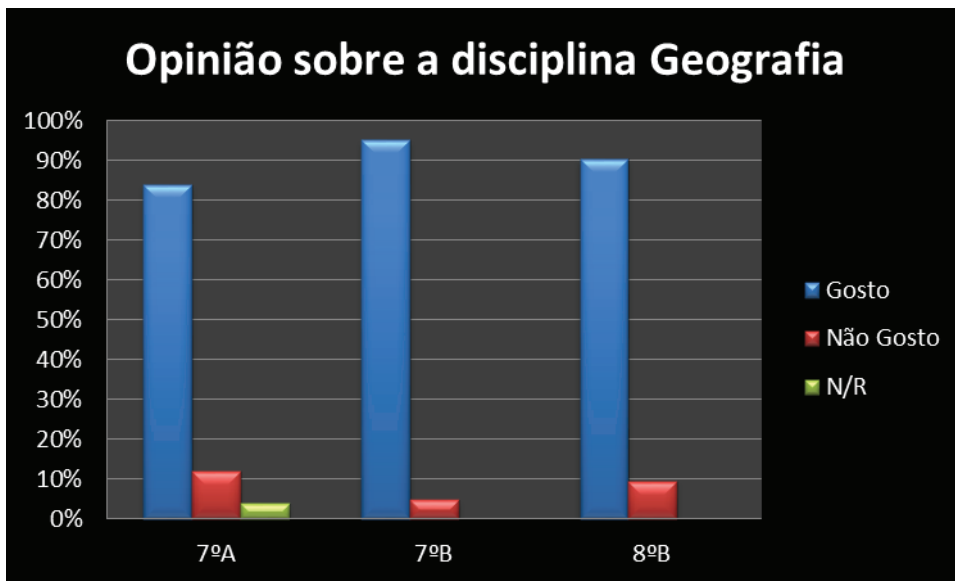


Gráfico 6: Opinião dos alunos sobre a disciplina de Geografia

Os motivos que levam a um aluno gostar da disciplina de geografia são variados. Segundo Castellar & Vilhena (2010, p.10), *“a educação geográfica contribui para que os alunos reconheçam a ação social e cultural de diferentes lugares, as interações entre as sociedades e a dinâmica da natureza que ocorrem em diferentes momentos históricos”*.

Nesse sentido analisaram-se as respostas sobre os motivos pelos quais os alunos gostam da disciplina de geografia. Assim sendo a maioria optou pela maior concordância na afirmação *“descubro temas de interesse atual”*, com 48%. Ao invés a que menor concordância teve foi a resposta *“valorizo o que acontece a nível local, regional e no mundo”*, com 9,5%.

No referente aos temas de Geografia que mais interesse despertam, o que obteve maior concordância foi o tema das cidades com 28%. O que menor concordância obteve foi o de agricultura e pescas com 6%. No nosso entender, esta situação deve-se ao facto da localização geográfica do Externato e da habitação dos alunos se centrar numa área metropolitana, o que faz com que os alunos sintam uma maior proximidade com as temáticas das cidades em contraponto com a agricultura e pesca.

De seguida iremos realizar uma abordagem à conceção dos alunos sobre as atividades desenvolvidas na aula de Geografia, conforme tabela 2.

Atividades	Nunca		Poucas Vezes		Algumas Vezes		Muitas Vezes	
	f	%	f	%	f	%	f	%
Já desenhasse e analisasse mapas?	5	7,5	15	22,4	36	53,7	11	16,4
Já desenhasse e analisasse gráficos?	0	0,0	14	20,9	30	44,8	23	34,3
Com que frequência vês e comentas filmes/documentários?	13	19,4	18	26,9	21	31,3	15	22,4
Realizas trabalhos individuais de pesquisa?	6	9,0	25	37,3	26	38,8	10	15,0
Já trabalhaste em grupo?	11	16,4	14	20,9	18	26,9	25	37,3
Costumas interpretar mapas, imagens, fotografias, etc.?	0	0,0	13	19,4	24	35,8	30	44,8
Discutes assuntos nas aulas?	2	3,0	6	9,0	22	32,8	37	55,2
Realizas debates à volta de uma mesa?	26	38,8	12	18,0	20	29,8	9	13,4
Já fizeste um trabalho com professores de várias disciplinas?	28	41,7	19	28,4	15	22,4	5	7,5
Já construístes <i>dossiers</i> temáticos?	28	41,7	12	18,0	13	19,4	14	20,9
É habitual fazeres resumos?	14	20,9	6	9,0	11	16,4	36	53,7
Já fizeste visitas de estudo através da internet?	33	49,2	10	15,0	15	22,4	9	13,4
Já elaboraste trabalhos usando as tecnologias?	4	6,0	6	9,0	23	34,3	34	50,7
O professor costuma expor a matéria?	3	4,5	2	3,0	16	23,9	46	68,6
Fazes Portfólio?	16	23,9	10	15,0	15	22,4	26	38,8
O teu professor anota as tuas ideias no quadro?	9	13,4	15	22,4	25	37,3	18	26,9
Fazes trabalhos com um objetivo específico?	2	3,0	7	10,4	33	49,2	25	37,3
Resolves situações-problema?	6	9,0	14	20,9	22	32,8	25	37,3
Já fizeste saídas de campo?	37	55,2	7	10,4	13	19,4	10	15,0
Constróis esquemas?	7	10,4	19	28,4	29	43,2	12	18,0
Recebes convidados nas tuas aulas?	8	12,0	35	52,2	17	25,4	7	10,4
Participas em conferências sobre temas?	28	41,7	16	23,9	12	18,0	11	16,4

Tabela 2: Opinião dos alunos das turmas do 7ºA, 7ºB e 8ºB face à frequência de atividades desenvolvidas na aula de Geografia

Realizando uma análise à tabela (tabela 2), no referente às opções metodológicas que reuniram maior percentagem de opções “nunca”, verifica-se que as atividades “*Já fizestes saídas de campo?*”, com 55% e “*Já fizeste visitas de estudo através da internet?*”, com 49% se destacam claramente das restantes.

No que se refere à opção “poucas vezes”, verifica-se uma maior percentagem na questão “*Já recebestes convidados nas tuas aulas?*” com 52% e “*Realizas trabalhos individuais de pesquisa?*” com 37%.

Já a opção “algumas vezes” tem como maior percentagem a questão “*Já desenhaste e analisaste mapas?*” com 54% e “*Fazes trabalhos com um objetivo específico?*” com 49%. Esta situação reflete, no nosso entender, uma aprendizagem construtivista com apresentação de resultados. Segundo Cachinho (2000, p.75) a Geografia deve “*ser ancorada no seu ensino, na aprendizagem de conceitos fundamentais e nas questões-chave em que a disciplina arquiteta a sua identidade*”.

Por último, referente à opção “muitas vezes”, destacam-se as percentagens nas questões “*Discutes assuntos na aula?*” com 55% e “*É habitual fazeres resumos?*” com 54%. Assim sendo, podemos afirmar que algumas questões poderiam levar a uma análise mais profunda, mais exaustiva e com outro tipo de dados.

Após a análise da tabela 2, com os resultados dos questionários preenchidos por todos os alunos das turmas em questão, parece-nos pertinente realizar uma análise aos mesmos de forma isolada (anexo 11, 12 e 13).

Assim sendo, verificamos que em geral as respostas às questões apresentadas são uniformes. Podendo existir alguma variação, nomeadamente na questão “muitas vezes”, onde realmente existem uma disparidade de respostas obtidas em cada uma das turmas. Nas restantes, existe pelo menos uma questão, das com maior percentagem, que são coincidentes.

Quanto ao uso de tecnologias em sala de aula, verificamos através do gráfico (gráfico 7) que a maioria dos alunos refere não utilizar as mesmas.

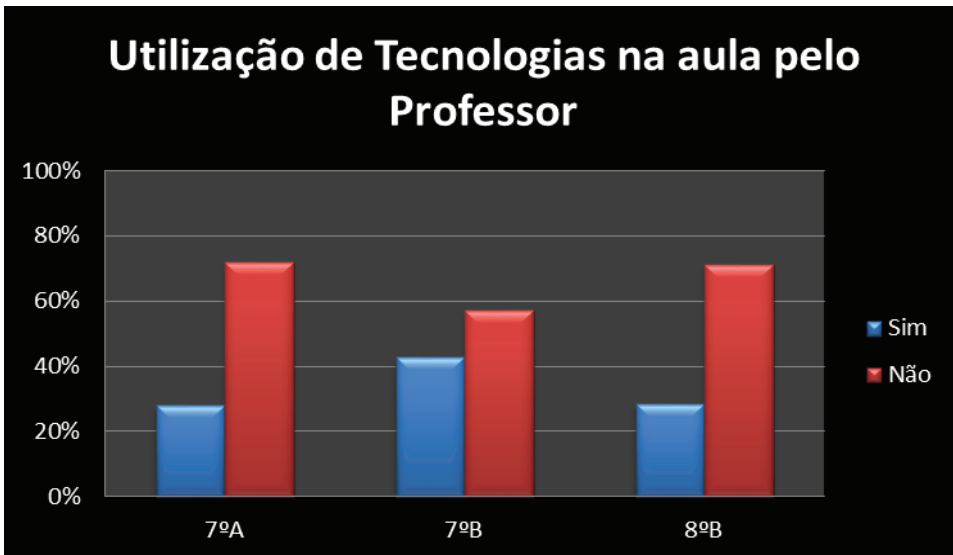


Gráfico 7: Opinião dos alunos sobre a utilização de tecnologias na aula do professor

Esta análise, reverte-se de alguma surpresa pois em todos os períodos o professor cooperante afirma ter usado ou um PPT, ou uma ida à internet para visualização de algum pequeno documentário ou filme. Assim sendo, parece-nos que a frequência de utilização das novas tecnologias não vai ao encontro das expectativas dos alunos. Mais uma vez citando Ferreira (2010), uma das formas de evitar o método expositivo é sem dúvida o uso de novas tecnologias.

Dos recursos tecnológicos referidos pelos alunos, verifica-se que as respostas não são unânimes e que são algo dispares de turma para turma conforme gráfico (gráfico 8).



Gráfico 8: Opinião dos alunos sobre a utilização de *software* informático na aula do professor

Será fácil aferir que em todas as turmas o PPT é sem dúvida o mais apontado, bem como da internet. Nas turmas de 7º ano é também referida a utilização do *QuiZ*. Nota-se que os alunos de 8º ano referem uma menor variedade de *software* utilizado. Por último, referir que apenas o *Prezi* não foi mencionado por nenhuma das turmas.

4.3 Desenvolvimento profissional docente

Ao longo destas últimas décadas muito se tem discutido, quer a nível político, quer a nível académico sobre a importância do desenvolvimento profissional docente. Segundo Flores & Veiga Simão (2009, p.8):

“Tem-se reconhecido, não só na literatura da especialidade, mas também no discurso político, a importância da formação e do desenvolvimento profissional de professores como um dos elementos determinantes no contexto de mudanças em educação no sentido de elevar o padrão de ensino e melhorar os resultados dos alunos numa sociedade economicamente mais competitiva. Argumenta-se assim, em favor da necessidade alertar as escolas e os professores altamente qualificados e competentes capazes de responderem aos desafios e às exigências com que se deparam nos seus contextos de trabalho.”

Mas será que vale apenas um esforço no desenvolvimento profissional? Pensamos que sim, na medida em que contribui para o bem-estar e resultados dos alunos, é vital na manutenção e desenvolvimento do próprio empenho e saber-fazer profissional. Conforme refere Day (2001, p.20):

“O desenvolvimento profissional envolve experiências espontâneas de aprendizagem e as atividades conscientemente planificadas, realizadas para benefício, direto ou indireto, do indivíduo, do grupo ou da escola e que contribuem, através deste, para a qualidade da educação na sala de aula. É um processo através do qual os professores, enquanto agentes de mudança, reveem, renovam e ampliam individualmente ou coletivamente, o seu compromisso com os propósitos morais do ensino, adquirem e desenvolvem, de forma crítica, juntamente com as crianças, jovens e colegas, o conhecimento, as destrezas e a inteligência emocional, essenciais para uma reflexão, planificação e práticas profissionais eficazes, em cada uma das fases das suas vidas profissionais.”

Já Marcelo (2009) entende o desenvolvimento profissional docente como um processo individual e coletivo, que se deve realizar na escola, local de trabalho do docente, de forma a contribuir para o desenvolvimento das suas

competências profissionais, através de experiências de índole diferente, tanto formais como informais.

Para Evans (2002), o conceito de desenvolvimento docente, não está claramente definido, pois necessita de ser clarificado para que exista uma compreensão do conceito partilhada pela comunidade científica, facilitando assim a comunicação.

No que diz respeito ao nosso país, o Estatuto da Carreira Docente dos Educadores de Infância e dos Professores dos Ensino Básico e Secundário (E.C.D.), (Decreto-Lei 15/2007 de 19 de janeiro), de acordo com a lei de Bases do Sistema Educativo, refere duas saídas possíveis para a atualização de docentes: a participação em ações de formação contínua e de formação especializada. Segundo o artigo 14.º do E.C.D., a formação especializada *“visa a qualificação dos docentes para o desempenho de funções ou atividades educativas especializadas”*. Por seu turno o artigo 15.º do E.C.D. afirma que *“a formação contínua destina-se a assegurar a atualização, o aperfeiçoamento, a reconversão e o apoio à atividade profissional do pessoal docente visando ainda objetivos de desenvolvimento na carreira e de mobilidade”*. No entanto, a formação contínua só foi reconhecida como direito, em 1986, a partir da Lei de Bases do Sistema Educativo, e como dever em 1989, com a publicação do regime Jurídico da Formação de Educadores de Infância dos Ensinos Básico e Secundário e do Estatuto da Carreira Docente – 1990 (Leite, 2005).

Após estas considerações teóricas sobre desenvolvimento profissional docente é necessário realizar uma reflexão sobre a prática pedagógica. No respeitante à reflexão, esta reveste-se de suma importância, pois permitirá fazer uma retrospectiva de toda a prática pedagógica, ponto que iremos analisar seguidamente e que culmina com o processo de auto e heteroavaliação.

Durante a prática pedagógica consideramos ter alcançado os objetivos propostos, não obstante que nalguns pontos arestas ficassem por limar, as quais poderão ser corrigidas com maior maturidade e experiência na área disciplinar em questão, neste caso a Geografia.

Pensamos ter apresentado planos de aulas com boa articulação de saberes e conteúdos, adequados aos objetivos definidos. A planificação teve em conta a promoção de um ensino de qualidade, o interesse e a motivação dos alunos, bem como uma ação de ensino coerente e didática. Os planos foram enviados e analisados atempadamente de acordo com as orientações curriculares e as metas de aprendizagem. Existiu um constante cuidado com o rigor científico, didático e pedagógico.

As estratégias adotadas foram variadas, no sentido de se captar a atenção nas aulas, bem como a motivação pelos conteúdos programáticos. No entanto, as aulas de pré-observação foram muito úteis, pois permitiram conhecer melhor os alunos e as possíveis estratégias a adotar. Essas estratégias foram caracterizadas pela apresentação de recursos variados, tendo-se obtido um resultado muito positivo com as estratégias utilizadas.

As formas de comunicação contiveram em consideração as necessidades individuais dos alunos. A comunicação oral foi incentivada, bem como a iniciativa e a autonomia na aplicação de conteúdos apreendidos.

Recorremos sempre que necessário a exemplos do quotidiano e aos conhecimentos prévios dos alunos.

Utilizamos uma linguagem adequada ao nível etário dos alunos, clara, e cientificamente correta. A linguagem não-verbal foi utilizada durante a aula, servindo de complemento à linguagem verbal.

Os contributos dos alunos foram, sempre que possível, aproveitados, principalmente como reforço positivo, visando alcançar as finalidades da aprendizagem.

A diferenciação pedagógica também esteve presente através da colocação de questões, neste caso abertas ou fechadas, mediante as necessidades individuais dos alunos.

A relação pedagógica foi baseada no respeito, tolerância, responsabilidade, na alegria e num ambiente de trabalho favorável à aprendizagem, com ética e afeição.

Como refere Pacheco (2001, p.13):

“Ser professor trás a complexidade não só da lecionação como também da tomada de decisões educativas e curriculares. Ser professor principiante num contexto de incertezas tão diversas – profissionais, pedagógicas, entre outras – reforça essa complexidade, principalmente quando se exige ao docente e a escola a resolução dos problemas que cada sociedade enfrenta nas suas matrizes históricas e sociais.”

No que concerne à avaliação verifica-se que os elementos de avaliação surtiram efeito na aprendizagem dos alunos. Como indicador do desempenho dos alunos, destaca-se a ficha de avaliação sumativa, a qual não conteve nenhuma avaliação negativa, tendo como média aritmética 74,2%. A nota mais alta foi de 96% e a mais baixa de 51% e a maior parte dos alunos, 52%, obtiveram entre 75% e 89%. Assim sendo, consideramos os resultados obtidos pelos alunos bastante satisfatórios.

Como definido no plano de estágio, participamos num conselho de turma e numa reunião de Departamento de uma forma empenhada e bastante dinâmica. Organizamos, conjuntamente com todo o grupo de Geografia e alguns elementos do grupo de Educação Visual, o Dia da Europa. Tentamos estabelecer uma relação saudável com toda a comunidade educativa, no entanto, o tipo de prática pedagógica definida por lei, inviabiliza uma presença mais constante na entidade acolhedora de estágio.

Ao longo da prática pedagógica, existiu uma preocupação constante de se obter conhecimentos científicos sólidos para que o processo de ensino e aprendizagem fosse de qualidade.

Relativamente à heteroavaliação, a estagiária Cristiana Sousa e o Estagiário Nuno Sousa, elaboraram uma reflexão a respeito da operacionalização das aulas assistidas. Como tal, mencionaram metodologias e matérias de ensino diversificadas e apelativas, o bom controlo pedagógico da turma e a boa planificação da aula.

No que diz respeito ao professor cooperante João Amaral, o mesmo enfatizou a empatia, o interesse, participação e a dinâmica revelada com a turma, o bom nível relativo à planificação, conceção e preparação da unidade temática referida. Abordou ainda a diversificação de recursos, o facto de serem apelativos, estarem adequados ao tema e da sua fácil apreensão.

Em conclusão referimos Nóvoa (s.d., p.13),*“o desenvolvimento profissional docente não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos, ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas de (re)construção permanente de uma identidade pessoal.”*

Conclusão

A prática pedagógica é sem dúvida ponto fulcral no processo de aprendizagem profissional dos jovens professores. É na escola que este universo ganha forma e que todas as dúvidas e certezas se diluem. Segundo Moreira (2013, p.11):

“A escola é, por natureza, um meio onde o fator humano está fortemente presente. É, por consequência, um terreno propício a gerar anseios, incertezas, problemas, conflitos e toda uma série de situações dinâmicas, decorrentes da interação social. Neste espaço de diálogos e sonhos, a vontade de mudar e inovar pulsa a cada momento, levando o professor a procurar novas formas de atuar, capazes de desenvolverem as capacidades e competências dos alunos, proporcionando-lhes não apenas o desejado sucesso educativo, mas igualmente um desenvolvimento pessoal, no sentido de um futuro profissional integrado, enquanto cidadãos ativos, intervenientes e responsáveis na sua comunidade.”

O estágio pedagógico ajuda a que exista uma melhoria na aptidão e desempenho no exercício profissional docente. Ressalva-se, porém, a importância na construção pessoal, científica e pedagógica para futuros professores.

Referimos também que existe uma panóplia diversa de recursos, estratégias, metodologias e estratégias de aprendizagem. No entanto, cada caso é um caso, cada escola é uma escola e que no fim o que prevalece, do nosso ponto de vista, é uma prática educativa adaptada aos interesses reais dos alunos. Alunos, esses, que são a razão de todo o processo de ensino e aprendizagem. Conforme Pacheco (2001, p.13), *“ser professor traz complexidade não só da lecionação como também da tomada de decisões educativas e curriculares.”*

Defendemos um trabalho colaborativo entre docentes nas escolas de forma a serem aprofundadas experiências e conhecimentos, procurando seguir (Perrenoud, 1999), que considera que o trabalho em equipa ajuda na resolução de problemas entre pessoas e a gerir crises.

Durante a nossa Prática Pedagógica tentamos colocar em prática todo o conhecimento e técnicas de ensino que nos foram transmitidas neste Mestrado.

Por último, referir o papel dos professores na escola atual. Fazendo uma retrospectiva, referimos Russell (2000), que abordando o papel do professor ao longo dos últimos 100 anos, foca-se essencialmente na perda de autonomia, realçando que a profissão docente já não é de elevada especialização, mas sim um importante e vasto ramo de serviço público. Assim sendo que rumo segue hoje a educação? Será adequada ao tipo de sociedade em que hoje vivemos? Para Estrela (2010, p.6):

“Num mundo em crise social e ambiental global, os professores exercem a sua profissão em sociedades cada vez mais abertas e cheias de desequilíbrios de natureza vária e em escolas que, no meio de sucessivas reformas ou pseudo-reformas, tardam a encontrar um rumo que vá ao encontro das necessidades diferentes de todos os alunos, daqueles que estão lá apenas por obrigação e daqueles que estão lá por convicção ou simples aceitação. Tardam também a conseguir o ponto de equilíbrio em relação às necessidades das famílias, de modo a que mantendo a escola essencialmente como centro de aprendizagem, não a reduza a um instrumento de socialização e de “garderie” de crianças e jovens (...).”

Podemos, então, afirmar que por muito que se especializem professores, principalmente ao nível da sua prática pedagógica, se apresentem os melhores recursos, metodologias, etc., estes ainda são vistos como um importante e vasto ramo de serviço público. Sendo que andam ao sabor de reformas estatais, mas que pelo olhar de alguns estudiosos, conforme se pode verificar no parágrafo acima citado, se encontram desfasados do real interesse da sociedade em que a escola se insere.

Referências Bibliográficas

Alarcão, I. & Tavares, J. (1987). *Supervisão da prática pedagógica – Uma perspectiva de desenvolvimento e aprendizagem*. Coimbra: Livraria Almedina.

André, Y., David, J. & Schoumaker B. M. (1999). *Didática da Geografia*. Porto: Edições Asa.

Cachinho, H. (2000). Geografia Escolar: Orientação prática e práxis didática. *Inforgo*. Nº 15: 69-90.

Castellar, S. & Vilhena J. (2010). *Ensino de Geografia*. Porto Alegre: Thompson.

Cortesão, L. (1993). *Avaliação Formativa – Que desafios?* Lisboa: Edições ASA

Day, C. (2001). Desenvolvimento Profissional de Professores. Os desafios da aprendizagem permanente. Porto: Porto Editora.

Daveau, S. (1976). *O ambiente geográfico natural*. Lisboa: INCM.

Estrela, M. T. (2010). *Profissão Docente: Dimensões Afetivas e Éticas*. Porto: Areal Editores.

Evans, L. (2002). What is Teacher Development?. *Oxford Review of Education*, 28, 123-137.

Ferreira, E. C. (2010). *O uso dos audiovisuais como recurso didático*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Flores, M., Veiga Simão, A. M., (Org). (2009). *Aprendizagem e desenvolvimento profissional de professores: Contexto e Perspetivas*. Mangualde: Edições Pedagogo.

González, X. (1999). *Didática de la Geografía*. Barcelona: Ediciones del Serbal.

Leite, C. (2005). Percursos e tendências recentes da formação de professores em Portugal. *Educação*, Porto Alegre-RS, ano XXVIII, nº 3: 371-389.

Longle, N. (2008). *Avaliação Sumativa em diferentes contextos de prática na disciplina de Matemática: um estudo de caso*. Lisboa: Universidade de Lisboa.

Martín Diaz, M. J. y Kempa, R. F. (1991). *Los alumnos prefieren diferentes estrategias didáticas de la enseñanza de las ciencias en función de sus características motivacionales*. *Enseñanza de las Ciencias* 9 (1).

Moreira, C. (2011). *A Webquest na aprendizagem da História e da Geografia*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Moreira, D. (2013). *Questionar para aprender – O questionamento como estratégia de aprendizagem na aula de História*. Dissertação de Mestrado, Universidade Lusófona do Porto, Porto.

Moreira, S. & Ulhôa, L. (2009). Ensino em Geografia: Desafios à prática docente na atualidade. *Revista Católica*, Uberlândia, nº2: 69-80.

Nóvoa, A. (2007). *Para uma formação de professores construída dentro da profissão*. Lisboa: Universidade de Lisboa.

Oliveira, I. & Serrazina, L. (2002). A reflexão e o professor como investigador. In GTI (Ed.), *Refletir e investigar sobre a prática profissional (29-42)*. Lisboa: APM.

Pacheco, J. (2001). Prefácio. In Braga, F. (2001). *Formação de Professores e Identidade Profissional*. Coimbra: Edições Quarteto.

Perrenoud, P. (1999). *Formar Professores em contextos sociais de mudança: Prática reflexiva e participação crítica*. *Revista Brasileira de Educação*, nº 12, pp. 5-21; Tradução Denice Bárbara Catani. Porto Alegre: Art Med Editora.

Quivy, R. & Campenhoudt, L. (1998). *Manual de Investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.

Rebelo, F. (1996). Alguns livros recentes sobre riscos, perigo e crises. *Territorium*, nº2: 61-64.

- Ribeiro, O. (2012). *O Ensino da Geografia*. Porto: Porto Editora.
- Roldão, M. C. (2009). *Estratégias de ensino. O Saber e o agir do professor*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.
- Russell, B. (2000). As funções de um professor. In Olga Pombo. *Quatro textos excêntricos*. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 71-85.
- Santos, M. (2007). *Contributos da Geografia para a cidadania no Território de Baltar – Paredes*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto
- Shön, D. (1987). *Educating the Reflective Practitioner. Toward a New Design for Teaching and Learning in the professions*. San Francisco: Jossey-Bass Publishers.
- Silva, A. Braga, F. & Cruz, I. (2011). *Desenvolvimento Profissional Docente: Identidades e Trajetos*. ELO, nº 18, pp. 8-13; Porto: Centro de Formação Francisco de Holanda.
- Strahler, A. (2011). *Introducing Physical Geography*. Boston: John Wiley & Sons, Inc.
- Zabalza, M. A. (2001). *Planificação e desenvolvimento curricular* (6ª ed.). Porto: Edições Asa.
- Zeichner, K. (1993). *A formação reflexiva de professores: ideias práticas*. Lisboa: Educa.

Webgrafia

- Nóvoa, A (s.d.). *A Formação de Professores e Profissão Docente*. Disponível em: http://repositorio.ul.pt/10451/4758/1/FPPD_A_Novoa.pdf. Acedido a 24 de janeiro de 2014.
- Marcelo, C. (2009). *Desenvolvimento Profissional Docente: passado e futuro*. Sísifo/Revista de Ciências da Educação nº8, janeiro-abril, pp.1-16. Disponível

em:http://sisifo.fpce.ul.pt/pdfs/S8_PTG_CarlosMarcelo%20%281%29.pdf.

Acedido a 23 de janeiro de 2014.

Legislação

Decreto-Lei n.º 15/2007 de 19 de janeiro. Diário da República, 1ª série, nº 14, pp. 501-547.

Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei n.º46/86, de 14 de outubro).

Anexos

ÍNDICE DOS ANEXOS

Anexo 1 – Declaração de autorização para divulgação do nome do externato

Anexo 2 – Conteúdos lecionados retirados do manual

Anexo 3 – Plano das aulas observadas

Anexo 4 – PowerPoint apresentado nas aulas assistidas

Anexo 5 – Ficha de Avaliação

Anexo 6 – Questionário relativo às opções metodológicas

Anexo 7 – Gráfico relativo à situação profissional dos pais

Anexo 8 – Gráfico relativo à situação profissional das mães

Anexo 9 – Gráfico relativo às habilitações académicas dos pais

Anexo 10 – Gráfico relativo às habilitações académicas das mães

Anexo 11 – Tabela relativa às respostas dos alunos do 7ºA

Anexo 12 – Tabela relativa às respostas dos alunos do 7ºB

Anexo 13 – Tabela relativa às respostas dos alunos do 8ºB

Anexo 1 – Declaração de autorização para divulgação do nome do externato



DECLARAÇÃO

No âmbito da dissertação de mestrado declara-se que André Adolfo da Silva Teixeira, portador do Cartão de Cidadão nº 11650817, está autorizado a utilizar o nome do Externato Ribadouro, referente ao Estágio Pedagógico em Ensino de História e Geografia da Universidade Portucalense, realizado no ano letivo 2012/2013 neste estabelecimento de ensino no âmbito do protocolo existente entre as duas instituições.

Porto e Externato Ribadouro, 27 de fevereiro de 2014

A Direção
Maria da Conceição A. P. Ribeiro

TEMA B CAPÍTULO 2

B2 CLIMAS, BIOMAS E PRODUÇÕES AGRÍCOLAS

PARA COMEÇAR...

DOC. 1

Alguns lugares da Terra são sempre muito mais quentes, húmidos, frios ou secos do que outros. As zonas tropicais, por exemplo, são mais quentes do que as zonas polares. É claro que há dias frios nas zonas tropicais, assim como há dias amenos nas zonas polares, mas o tempo nas zonas tropicais é normalmente quente.

Dicionário Escolar da Terra, Editora Civilização (adaptado)



1 Glaciar Perito Moreno, Patagônia, Argentina.



2 Cascata El Nicho, Serra de Trinidad, Cuba.

EXCLUSIVO PROFESSOR(A)

Plano de aula n.º 41

Experiências Educativas das O.C.

- Como se distribuem os climas no Mundo?
- Quais as principais características dos climas frios, temperados e quentes?
- Como se distribuem as formações vegetais?
- Como se distribuem as principais produções agrícolas?

Tirol, Alpes austríacos.

Nesta unidade aprenderás a...

- construir gráficos termopluviométricos
- caracterizar o regime térmico e pluviométrico de uma estação meteorológica
- diferenciar climas quentes, temperados e frios
- localizar zonas climáticas
- caracterizar os diferentes climas quentes, respetivos biomas e produções agrícolas
- caracterizar os diferentes climas temperados, respetivos biomas e produções agrícolas
- caracterizar os diferentes climas frios, respetivos biomas e atividades humanas
- caracterizar os climas de altitude
- identificar os principais estados do tempo em Portugal
- caracterizar o clima de Portugal continental e insular
- localizar os diferentes tipos de vegetação em Portugal continental e insular

**DOC. 2**

Nas zonas temperadas, o ar frio dos polos encontra-se com o ar quente que vem das zonas tropicais.

Na estação fria, o ar polar predomina e sente-se o frio. Na estação quente, o ar tropical sobe em latitude até estas zonas e sente-se calor. São sítios que apresentam quatro estações.

Enciclopédia Larousse, *O Planeta Terra*, Marus Editores (adaptado)

1039-18



3 Escócia, Reino Unido.

ATIVIDADE 1

1. Localiza num planisfério os países referidos nas fig. **1**, **2** e **3**.
2. Diferencia as paisagens apresentadas nas fig. **1** e **2**.
3. Lê o doc. **2** e observa a fig. **3**.
 - 3.1. Descreve a paisagem observada.
 - 3.2. Compara-a com as paisagens das fig. **1** e **2**.
 - 3.3. Indica o tipo de vestuário por que optarias numa viagem a cada um dos três locais representados e explica a razão da tua escolha.

Anexo 3 – Plano das aulas observadas



UNIVERSIDADE PORTUCALENSE

Estágio Ensino da História e da Geografia

Externato Ribadouro

PLANO DE AULA

Disciplina: Geografia

Unidade B2 – Climas, Biomas e Produções Agrícolas

Ano: 7.º Turma: B

DATA: 09 de maio de 2013

N.º _____ de

blocos (45 min) previstos: 2

Professor observado: André Teixeira

Professor Cooperante: João Amaral

Conceito-chave e situação-problema / desafio

Como se distinguem os climas no Mundo?

Quais as principais características dos climas frios, temperados e quentes?

Metas de aprendizagem a desenvolver na aula

Formular e responder a questões geográficas.

Diferenciar climas quentes, temperados e frios.

Localizar zonas climáticas.

Caracterizar os diferentes climas quentes, temperados e frios.

Construir gráficos termopluviométricos.

Sistematizar, ordenar e classificar dados.

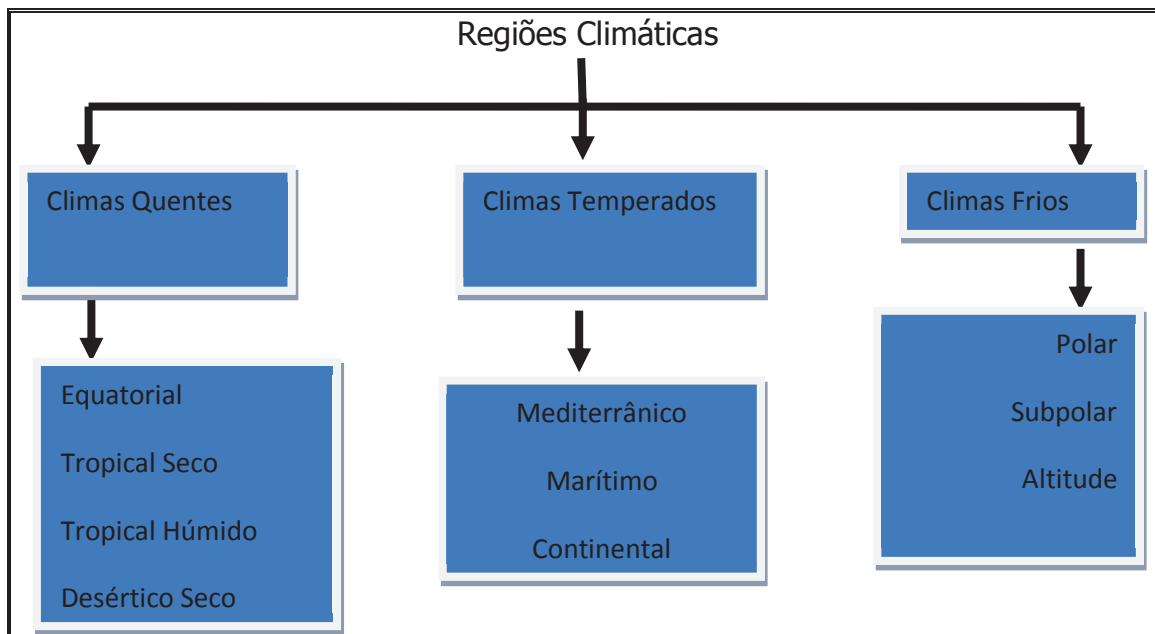
Calcular indicadores climáticos.

Utilizar o vocabulário geográfico em descrições orais e escritas de lugares, regiões e distribuições de fenómenos geográficos.

Ler e interpretar gráficos termopluviométricos, mapas, textos e imagens.

Recolher informação temática relacionada com os diversos climas, recorrendo à imprensa, filmes, textos, informação da Internet, enciclopédias, livros, cd-roms, para construir *dossiers* temáticos.

Esquema conceptual para a aula



Informação nova / conteúdos

<p>Ideias prévias dos alunos (avaliação diagnóstica)</p>	<p>Utilização da ferramenta <i>Brainstorming</i> para aferir conhecimentos prévios dos alunos relativamente a: Temperatura Precipitação</p>
<p>Conceitos novos</p>	<p>Regime térmico Regime pluviométrico Mês seco Bioma Amplitude térmica Temperatura média anual Precipitação total</p>

Objetivos de aprendizagem

<p>Reconhecer as regiões climáticas. Caracterizar os diversos climas.</p>

Sequenciação a dar à aula: Experiências de aprendizagem a proporcionar aos alunos / métodos / estratégias

Expositivo/Dedutivo:

Revisão dos conteúdos lecionados em aulas anteriores com recurso à técnica de ensino *Brainstorming* para aferir os conhecimentos dos alunos.

Apresentação e exploração com os alunos de material novo a lecionar recorrendo a um documento de trabalho elaborado em PowerPoint e a documentários de curta duração.

Prática controlada: realização de um esquema síntese sobre a matéria lecionada.

Prática independente: durante a aula serão colocadas questões de conhecimento e questões de pensamento de modo a aferir a compreensão por parte dos alunos dos conteúdos que vão sendo lecionados.

Estratégias cognitivas:

Contextualização (Identificação das regiões climáticas com recurso à exploração de gráficos);

Relação de informação nova com os elementos visuais (PowerPoint, mapas, gráficos e vídeos);

Uso de glossário/conceitos;

Registo de notas (professor quadro/aluno caderno diário);

Relação da informação nova com os conceitos prévios (elaboração de gráficos termopluviométricos)

Síntese (elaboração de um esquema conceptual como resumo da matéria lecionada).

Recursos / Fontes

Computador

Videoprojetor

Quadro

Manual

Avaliação intercalar

Serão privilegiadas a avaliação diagnóstica e formativa.

A avaliação terá por base à observação direta, no que respeita às atitudes dos alunos (pontualidade, empenho, interesse e atenção) e o diálogo estabelecido com os alunos, nomeadamente aquando da colocação, durante a aula, de questões orais aos alunos.

Serão também realizados e alvos de avaliação formativa, exercícios de consolidação de matéria, por exemplo no que se refere à interpretação de gráficos termopluviométricos.

Diferenciação pedagógica

Realização de questões orais, abertas ou fechadas, consoante o nível de desempenho dos alunos. A aferição do nível de desempenho dos alunos será feita com base nas notas de final do 2º período com base no *feedback* fornecido pelo orientador cooperante.

Avaliação final

Serão contempladas na Ficha de Avaliação questões sobre a matéria lecionada.

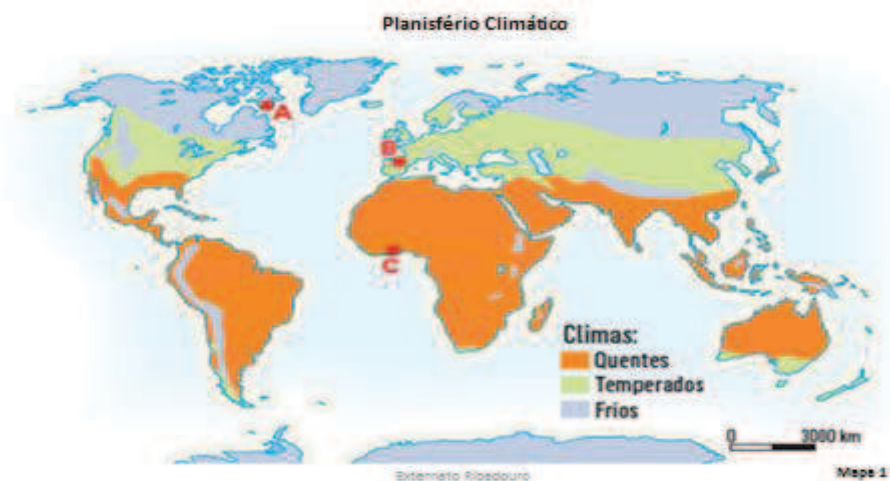
Sumários

Introdução ao tema B2: Climas, Biomas e Produções Agrícolas. As regiões climáticas: Climas quentes, temperados e frios.

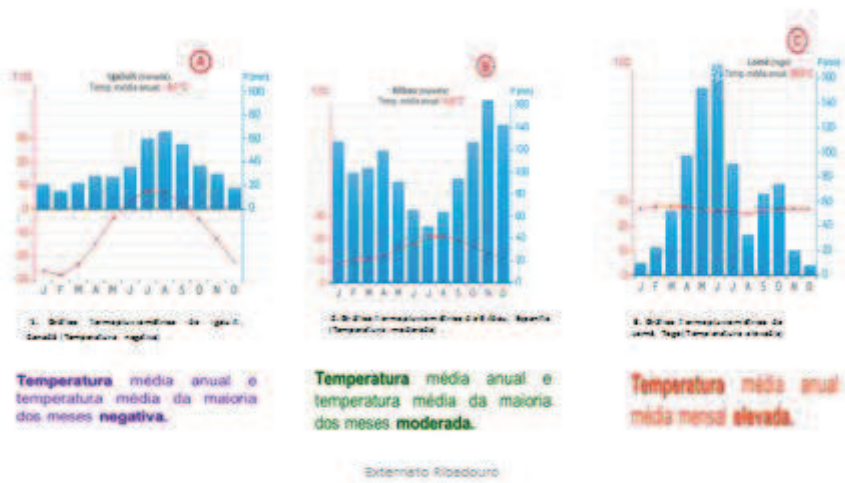
Anexo 4 – PowerPoint apresentado nas aulas assistidas



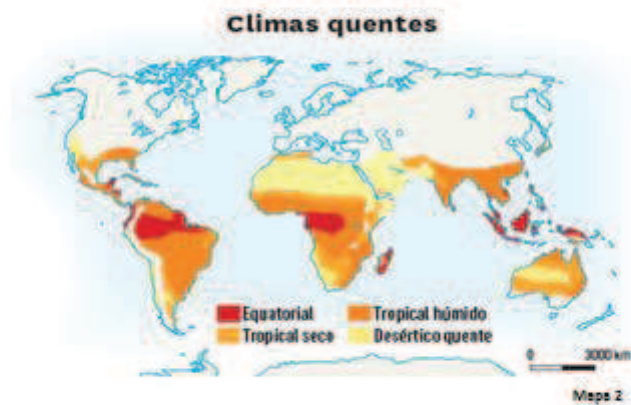
As regiões climáticas



As regiões climáticas



Climas Quentes

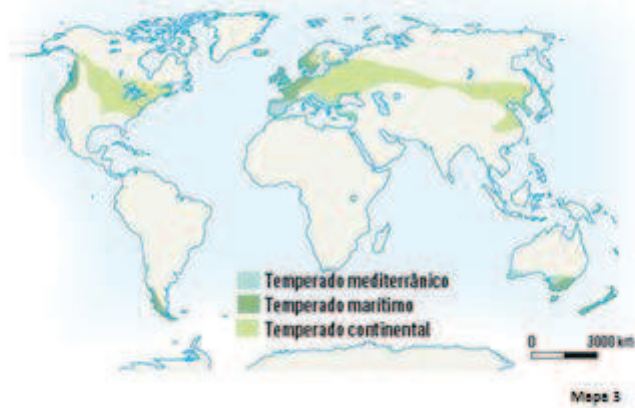


Predominam nas regiões tropicais e subtropicais

Extremista Ribadouro

Climas Temperados

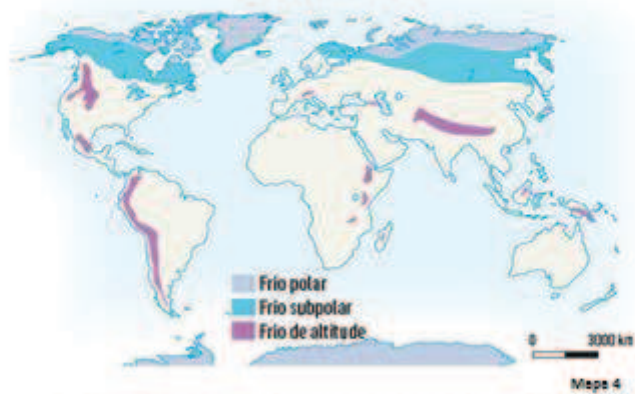
Climas temperados



Encontram-se nas latitudes médias

Climas Frios

Climas frios



Predominam nas regiões polares e subpolares e nas áreas de alta montanha

Climas Quentes

Clima Equatorial

Localização: Como o nome indica nas regiões próximas do equador, com latitudes inferiores a 10° norte e 10° sul.

TMA: Elevadas durante todo o ano, sendo sempre superiores a 20°C.

AM: Muito reduzida.

PT: Abundante ao longo de todo o ano (total anual > 1500mm).

- Ausência de estações do ano.
- Ausência de meses secos.



Externato Ribadouro

Climas Quentes

Vídeo Clima Equatorial



Externato Ribadouro

Climas Temperados

Clima Mediterrânico

Localização: Predominante na bacia do Mediterrâneo, nas regiões de latitudes médias entre 30° e 40° norte e sul, nas áreas ocidentais dos continentes.

TMA: Elevadas no Verão (18°C-25°C) e moderadas no inverno (10°C-17°C).

AA: Moderada.

PT: Irregulares, concentrando-se principalmente no Outono e no Inverno.

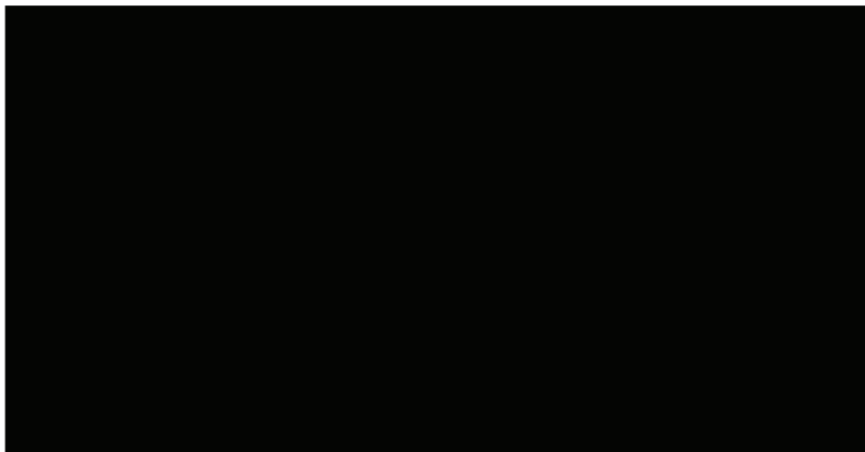
- Quatro estações do ano.
- 4 a 6 meses secos.



Externato Ribadouro

Climas Temperados

Vídeo Clima Mediterrâneo



Externato Ribadouro

Climas Temperados

Clima Continental

Localização: Entre os paralelos 40° e 55° Norte e Sul, mas afastados do mar, para o interior dos continentes.

TMA: Verões suaves (< 20°C) e invernos frios (< 0°C)

ATA: Bastante elevada, principalmente os locais mais afastados do mar.

PT: Pouco abundante (<700mm). Máximos no Verão e mínimos no Inverno.

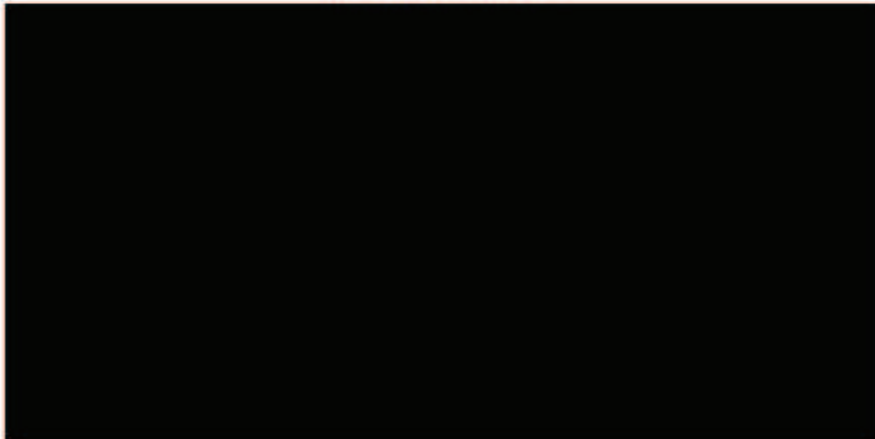
- Quatro estações do ano.
- Ausência de meses secos.



Externato Ribadouro

Climas Moderados

Vídeo Clima Continental



Externato Ribadouro

Climas Frios

Clima Polar

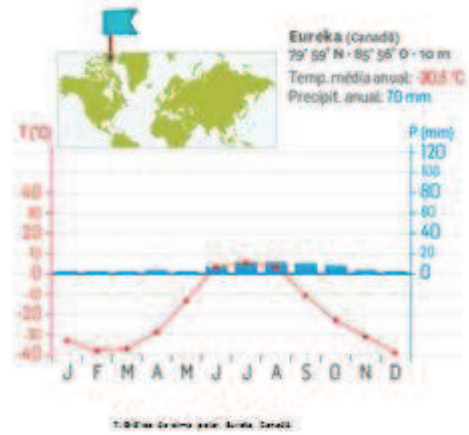
Localização: Acima dos paralelos 70º Norte e Sul.

TMA: Negativa todo o ano.

ATA: Muito elevadas

PT: Reduzida. Concentra-se nos meses menos fria.

- Duas estações do ano, fria e quente.
- Ausência de meses secos.



Externato Ribadouro

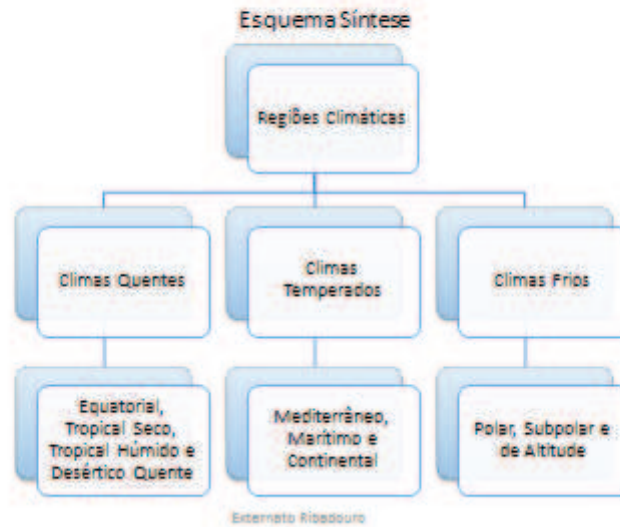
Climas Frios

Vídeo Clima Polar



Externato Ribadouro

Mapa Conceptual



Fim

Gráficos termopluiométricos: Regras de Construção

Um gráfico termopluiométrico apresenta os valores registados de temperaturas médias mensais ligadas por uma linha e os valores de precipitações mensais através de barras separadas para cada mês.

1. Nesta linha horizontal marca os meses do ano utilizando sempre o mesmo espaço para cada mês. Identifica os meses do ano, registando em cada secção da linha de base as iniciais de cada mês.

2. Desenha um eixo vertical do lado esquerdo para a temperatura. Utiliza um centímetro (1 cm) para cada 10 °C. Na parte superior do eixo marca T (°C).

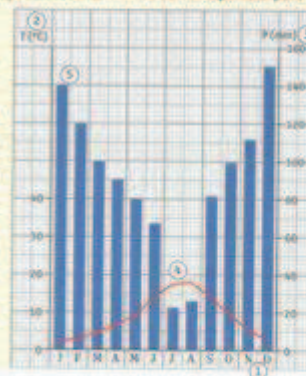
3. Desenha um eixo vertical do lado direito para a precipitação. Utiliza um centímetro (1 cm) para cada 20 mm. Deves estar aturado à mesma altura da temperatura a marcação de

cada 10 °C corresponde à marcação de 20 mm. Na parte superior do eixo escreve P (mm).

4. Inicia a construção do gráfico com os dados da temperatura apresentados na tabela. Marca um ponto em cada mês e ao fim une-os com uma linha a vermelho.

5. Marca a altura da precipitação mensal. No fim, elabora uma barra para cada mês, desenhando dois milímetros entre cada duas barras. Pinta as barras de azul.

Nota: As barras que ficarem abaixo da linha base da temperatura indicam os meses secos.



Extensio Ribedouro

Anexo 5 – Ficha de Avaliação

Teste de avaliação nº5



Geografia 7º ano

Nome: _____ Nº: _____ Turma: _____ Data: _____

Classificação: _____ (____%)

O Professor: _____

O Encarregado de Educação: _____

Lê atentamente todo o teste antes de começares a responder.

Responde de uma forma completa e gramaticalmente correta.

Grupo I

1. Efetua a legenda da figura seguinte (figura 1) relativa às diferentes zonas climáticas.

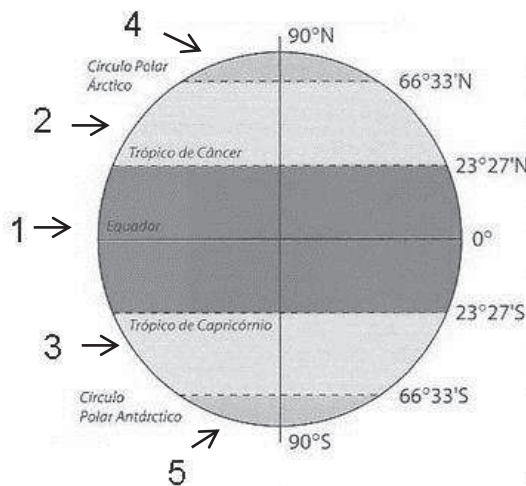


Figura 1

Legenda:

1. _____
2. _____
3. _____
4. _____
5. _____

2. Preenche os espaços em branco de forma a obteres a definição correta de altitude:

A altitude de um lugar é a _____ na _____, desde o _____ das águas do _____ ao lugar.

3. Desenvolve as noções de clima e estado de tempo.

Clima:

Estado de tempo:

4. A tabela seguinte apresenta alguns elementos do clima e respetivas noções. Preenche os espaços em branco.

Elementos de clima	Definição
	Quantidade de vapor de água existente na atmosfera.
Pressão atmosférica	
Precipitação	
	Quantidade de calor que possui o ar atmosférico.
Nebulosidade	
	Deslocação do ar com determinada direção e intensidade.

5. Classifica as seguintes afirmações de verdadeiras e falsas. Corrige as afirmações falsas mantendo-as na afirmativa.

5.1. A temperatura diminui 6°C/km à medida que aumenta a altitude (gradiente térmico).

5.2. As temperaturas são mais elevadas nas regiões polares e vão diminuindo em relação às regiões equatoriais. ___

5.3. Os locais junto ao mar tem mais humidade e maior precipitação. Com o aumento da continentalidade, a precipitação diminui. ____

5.4. À medida que aumenta a altitude a precipitação também aumenta, com a ocorrência de chuvas frontais. Mas quando se atinge o patamar das neves perpétuas, a precipitação diminui. ____

5.5. No hemisfério sul, as vertentes viradas para norte e expostas diretamente aos raios solares são as mais quentes. (vertentes soalheiras). ____

5.6. O relevo apresenta-se, junto à linha de costa, de duas formas: concordante e discordante. No caso do relevo concordante, ocorrem chuvas de relevo na vertente voltada para o interior. ____

6. Preenche a tabela seguinte com as diferentes funções dos instrumentos meteorológicos:

a) Anemómetro:

b) Barómetro:

c) Termómetro:

d) Pluviómetro:

e) Higrómetro:

f) Cata-vento:

Grupo II

1. Preenche a seguinte tabela relativa aos tipos de clima e respetivas subdivisões.

Tipo de Clima	Subdivisões
Quentes	<ul style="list-style-type: none">• Clima equatorial• _____• Clima desértico quente
Temperados	<ul style="list-style-type: none">• Clima subtropical seco ou mediterrâneo• _____• _____• _____
Frios	<ul style="list-style-type: none">• _____• _____• _____

2. Das seguintes afirmações, seleciona a mais correta:

2.1. O clima equatorial apresenta:

- A.** Uma estação quente e húmida, com ausência de meses secos.
- B.** Duas estações distintas: estação húmida e estação seca.
- C.** Uma estação quente e seca.

2.2. No clima equatorial as temperaturas são:

- A.** Elevadas durante todo o ano.
- B.** Elevadas e constantes todo o ano.
- C.** Temperaturas médias mensais elevadas.

2.3. No clima desértico quente verifica-se:

- A.** Amplitudes térmicas anuais muito baixas (inferiores a 4°C).
- B.** Amplitudes térmicas anuais são baixas.
- C.** Amplitudes térmicas diurnas extremamente elevadas.

2.4. No clima desértico quente as precipitações são:

- A.** Abundantes, mas distribuem-se de forma diferente ao longo do ano.
- B.** Inexistentes (todos os meses são secos).
- C.** Abundantes durante todo o ano.

2.5. No clima mediterrâneo predominam:

- A.** Os bambus.
- B.** Os catos.
- C.** Os sobreiros.

3. Observa com atenção o gráfico termopluiométrico representado na figura 2.

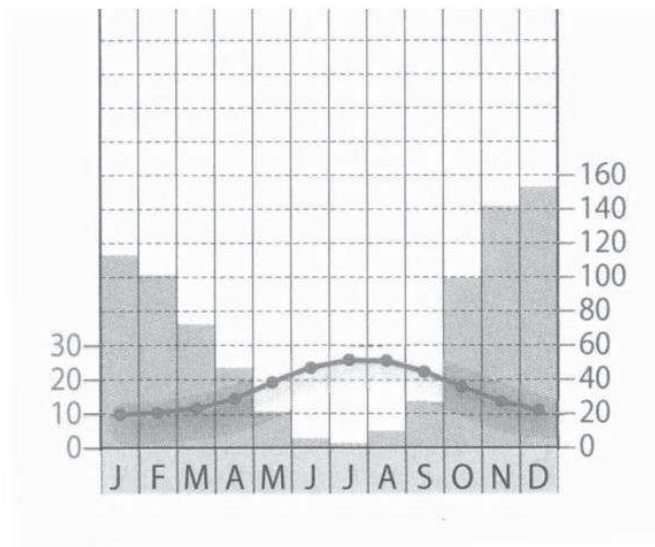


Figura 2 - Gráfico Termopluiométrico

3.1. Tendo em conta o gráfico da figura 2 refere:

3.1.1. O mês com a temperatura média mais elevada e a respetiva temperatura.

3.1.2. O mês com a precipitação total mais elevada e respetiva precipitação.

3.1.3. Quais os de meses secos.

3.1.4. Quais os meses húmidos.

3.1.5. A amplitude térmica anual aproximada (coloca os cálculos).

3.1.6. A temperatura média anual aproximada (coloca os cálculos).

3.1.7. A precipitação total anual aproximada (coloca os cálculos).

Grupo III

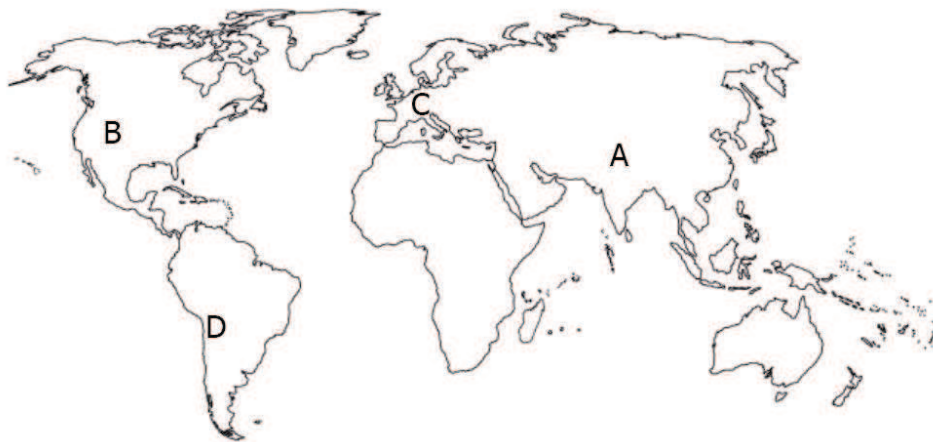
4. Explica em que consiste o relevo.

5. Refere as três formas fundamentais de relevo, efetuando uma breve descrição de cada uma delas.

Forma de relevo:

Descrição:

6. Identifica as cadeias montanhosas representadas no planisfério através das letras **A, B, C e D.**



A.	C.
B.	D.

7. Refere que agentes internos do relevo conheces.

8. Para cada um dos agentes erosivos presentes no quadro, efetua uma breve descrição dos seus processos.

Agente	Descrição do processo
Mar	

Glaciares	
Vento	
Seres vivos	

Bom trabalho!

5 – Percurso Escolar (Assinala com um x e, depois, responde brevemente)

	Sim	Não	
Ficaste retido algum ano?			Qual(is)?
Estudas Geografia todos os dias?			Quanto tempo?
Estudas habitualmente em casa?			Em que local?
Alguém te ajuda a estudar?			Quem?
Tiveste negativas no ano anterior?			Em que disciplina(s)?
Tiveste notas muito boas no ano anterior?			Indica quais e que notas tiraste.

PARTE II – OPÇÕES METODOLÓGICAS NO ENSINO DA DISCIPLINA DE GEOGRAFIA

6. Gostas de Geografia?

Sim (responde às questões 6.1 e 6.3) Não (responde às questões 6.2 e 6.3)

6.1. Gosto de Geografia porque: (ordena por ordem de concordância sendo o algarismo **1 o de maior concordância** e o algarismo **4 o de menor concordância**)

- Descubro temas de interesse atual
- Valorizo o que acontece a nível local, regional e no mundo
- Conheço melhor o espaço físico e natural
- Compreendo melhor a relação entre o Homem e o Meio

Outras quais?

6.2. Não gosto de Geografia porque: (ordena por ordem de concordância sendo o algarismo **1 o de maior concordância** e o algarismo **4 o de menor concordância**)

- Os temas abordados não são interessantes
- Os temas são muito abstratos e pouco úteis
- Não gosto de analisar e construir gráficos e mapas
- Tem alguma Matemática

Outras quais?

6.3. Que temas de Geografia te despertam mais interesse: (ordena por ordem de concordância sendo o algarismo **1 o de maior concordância** e o algarismo **8 o de menor concordância**)

- Relevo
- Clima e estado do tempo
- Rios
- Vegetação

- Cidades
 - População
 - Agricultura e pescas
 - Ambiente e Recursos Naturais
- Outros, quais?
-

7. Com base nas aulas do teu professor de Geografia , preenche a seguinte tabela.

	Nunca	Poucas vezes	Algumas	Muitas vezes
▪ Já desenhaste e analisaste mapas?				
▪ Já desenhaste e analisaste gráficos?				
▪ Com que frequência vês e comentas filmes/documentários?				
▪ Realizas trabalhos individuais de pesquisa?				
▪ Já trabalhaste em grupo?				
▪ Costumas interpretar mapas, imagens, fotografias, etc.?				
▪ Discutes assuntos nas aulas?				
▪ Realizas debates à volta de uma mesa?				
▪ Já fizestes um trabalho com professores de várias disciplinas?				
▪ Já construístes <i>dossiers</i> temáticos?				
▪ É habitual fazeres resumos?				
▪ Já fizeste visitas de estudo através da internet?				
▪ Já elaboraste trabalhos usando as tecnologias?				
▪ O professor costuma expor a matéria?				
▪ Fazes <i>Portfolio</i> ?				
▪ <i>O teu professor anota as tuas ideias no quadro?</i>				
▪ Fazes trabalhos com um objetivo específico?				
▪ Resolves situações-problema?				
▪ Já saídas de campo?				
▪ Constróis esquemas?				
▪ <i>Recebes convidados nas tuas aulas?</i>				
▪ Participas em conferências sobre temas?				

8. O professor usa tecnologias na sala de aula?

Sim

Não

8.1. Se sim, quais?

PowerPoint

Internet

Quiz

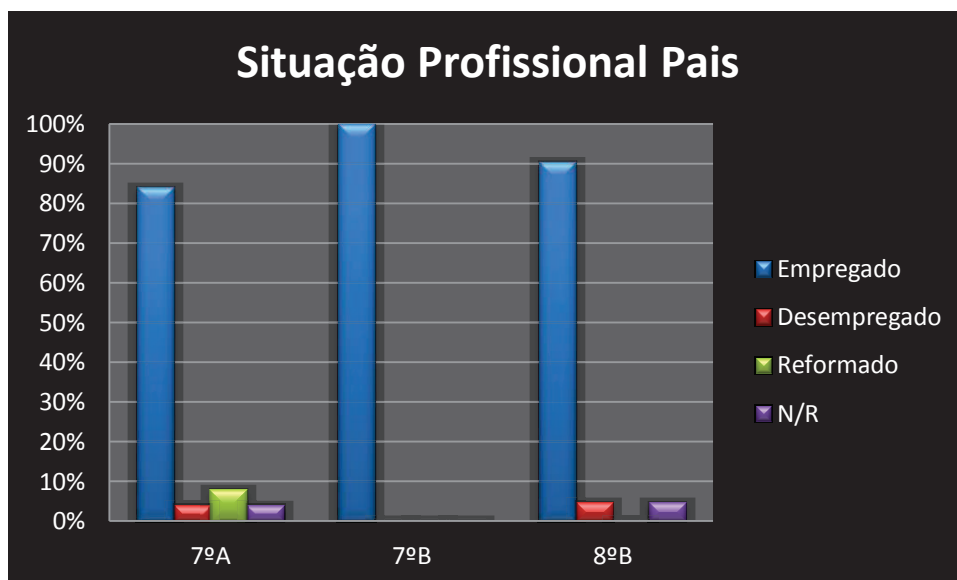
Webquest

Prezi

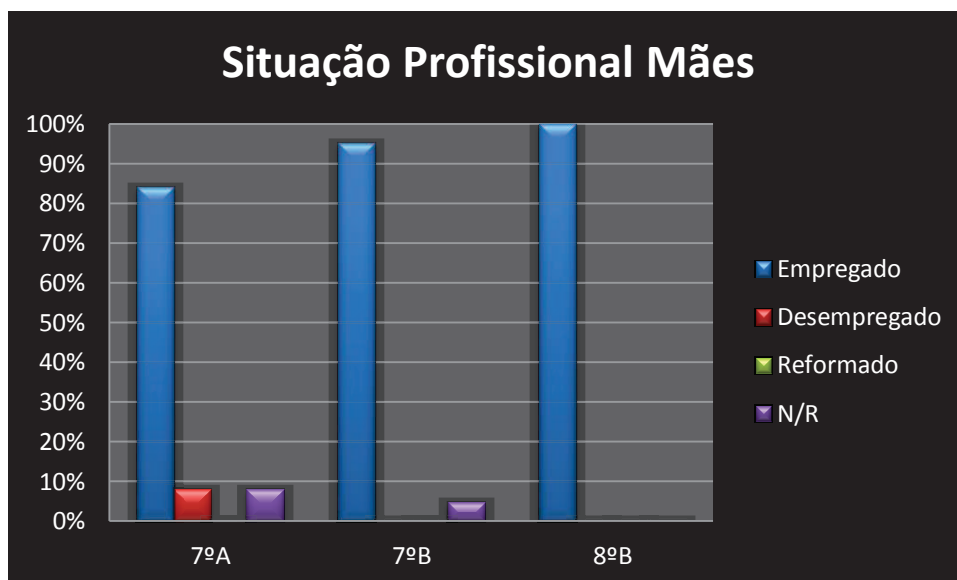
Outras? Quais?

Obrigada pela tua colaboração e disponibilidade.

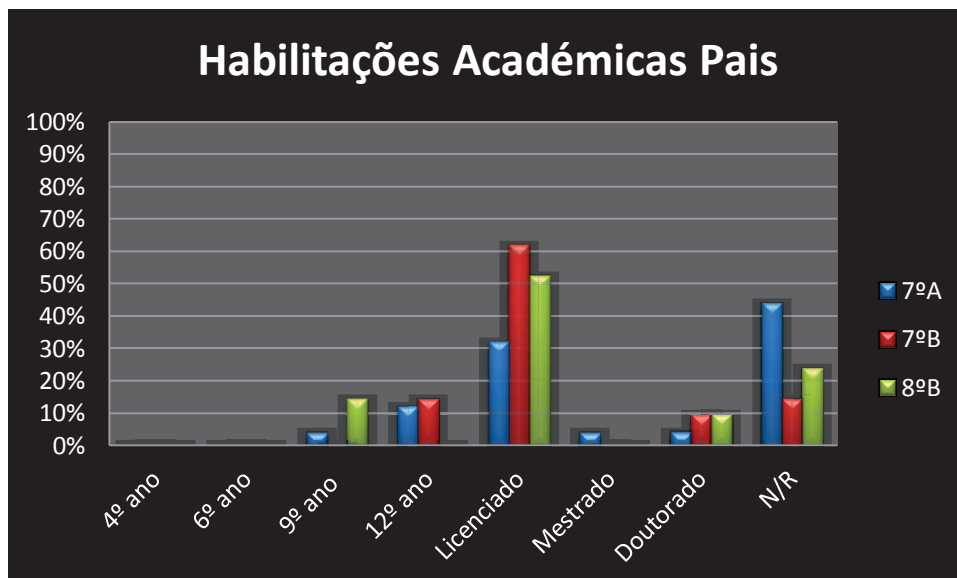
Anexo 7 – Gráfico relativo à situação profissional dos pais



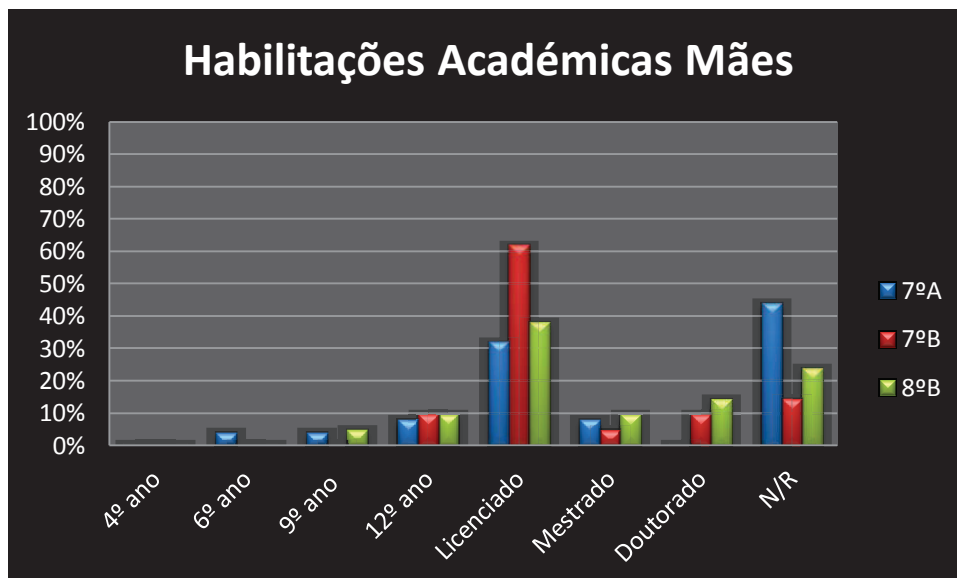
Anexo 8 – Gráfico relativo à situação profissional das mães



Anexo 9 – Gráfico relativo às habilitações académicas dos pais



Anexo 10 – Gráfico relativo às habilitações académicas das mães



Anexo 11 – Tabela relativa às respostas dos alunos do 7ºA

Atividades	Nunca		Poucas Vezes		Algumas Vezes		Muitas Vezes	
	f	%	f	%	f	%	f	%
Já desenhaste e analisaste mapas?	1	4,0	4	16,0	16	64,0	4	16,0
Já desenhaste e analisaste gráficos?	0	0,0	2	8,0	14	56,0	9	36,0
Com que frequência vês e comentas filmes/documentários?	1	4,0	10	40,0	9	36,0	5	20,0
Realizas trabalhos individuais de pesquisa?	4	16,0	8	32,0	9	36,0	4	16,0
Já trabalhaste em grupo?	3	12,0	6	24,0	6	24,0	11	44,0
Costumas interpretar mapas, imagens, fotografias, etc.?	0	0,0	6	24,0	7	28,0	12	48,0
Discutes assuntos nas aulas?	1	4,0	0	0,0	7	28,0	17	68,0
Realizas debates à volta de uma mesa?	7	28,0	2	8,0	13	52,0	3	12,0
Já fizeste um trabalho com professores de várias disciplinas?	8	32,0	8	32,0	7	28,0	2	8,0
Já construístes <i>dossiers</i> temáticos?	4	16,0	5	20,0	6	24,0	10	40,0
É habitual fazeres resumos?	7	28,0	2	8,0	4	16,0	12	48,0
Já fizeste visitas de estudo através da internet?	10	40,0	4	16,0	9	36,0	2	8,0
Já elaboraste trabalhos usando as tecnologias?	1	4,0	4	16,0	10	40,0	10	40,0
O professor costuma expor a matéria?	1	4,0	1	4,0	13	52,0	10	40,0
Fazes Portfólio?	2	8,0	2	8,0	8	32,0	13	52,0
O teu professor anota as tuas ideias no quadro?	2	8,0	4	16,0	9	36,0	10	40,0
Fazes trabalhos com um objetivo específico?	0	0,0	1	4,0	14	56,0	10	40,0
Resolves situações-problema?	4	16,0	4	16,0	7	28,0	10	40,0
Já fizeste saídas de campo?	8	32,0	4	16,0	8	32,0	5	20,0
Constróis esquemas?	2	8,0	4	16,0	15	60,0	4	16,0
Recebes convidados nas tuas aulas?	2	8,0	13	52,0	8	32,0	2	8,0
Participas em conferências sobre temas?	7	28,0	7	28,0	7	28,0	4	16,0

Anexo 12 – Tabela relativa às respostas dos alunos do 7ºB

Atividades	Nunca		Poucas Vezes		Algumas Vezes		Muitas Vezes	
	f	%	f	%	f	%	f	%
Já desenhaste e analisaste mapas?	2	9,5	4	19,0	8	38,1	7	33,3
Já desenhaste e analisaste gráficos?	0	0,0	6	28,6	7	33,3	8	38,1
Com que frequência vês e comentas filmes/documentários?	3	14,3	3	14,3	8	38,1	7	33,3
Realizas trabalhos individuais de pesquisa?	2	9,5	5	23,8	10	47,6	4	19,0
Já trabalhaste em grupo?	4	19,0	3	14,3	7	33,3	7	33,3
Costumas interpretar mapas, imagens, fotografias, etc.?	0	0,0	4	19,0	6	28,6	11	52,4
Discutes assuntos nas aulas?	0	0,0	4	19,0	5	23,8	12	57,1
Realizas debates à volta de uma mesa?	6	28,6	5	23,8	5	23,8	5	23,8
Já fizeste um trabalho com professores de várias disciplinas?	8	38,1	5	23,8	5	23,8	3	14,3
Já construístes <i>dossiers</i> temáticos?	6	28,6	5	23,8	7	33,3	3	14,3
É habitual fazeres resumos?	1	4,8	3	14,3	5	23,8	12	57,1
Já fizeste visitas de estudo através da internet?	9	42,9	4	19,0	3	14,3	5	23,8
Já elaboraste trabalhos usando as tecnologias?	0	0,0	1	4,8	5	23,8	15	71,4
O professor costuma expor a matéria?	0	0,0	0	0,0	2	9,5	19	90,5
Fazes Portfólio?	2	9,5	4	19,0	5	23,8	10	47,6
O teu professor anota as tuas ideias no quadro?	3	14,3	4	19,0	7	33,3	7	33,3
Fazes trabalhos com um objetivo específico?	1	4,8	2	9,5	8	38,1	10	47,6
Resolves situações-problema?	1	4,8	5	23,8	5	23,8	10	47,6
Já fizeste saídas de campo?	13	61,9	0	0,0	4	19,0	4	19,0
Constróis esquemas?	2	9,5	6	28,6	8	38,1	5	23,8
Recebes convidados nas tuas aulas?	1	4,8	9	42,9	7	33,3	4	19,0
Participas em conferências sobre temas?	7	33,3	4	19,0	4	19,0	6	28,6

Anexo 13 – Tabela relativa às respostas dos alunos do 8ºB

Atividades	Nunca		Poucas Vezes		Algumas Vezes		Muitas Vezes	
	f	%	f	%	f	%	f	%
Já desenhaste e analisaste mapas?	2	9,5	7	33,3	12	57,1	0	0,0
Já desenhaste e analisaste gráficos?	0	0,0	6	28,6	9	42,9	6	28,6
Com que frequência vês e comentas filmes/documentários?	9	42,9	5	23,8	4	19,0	3	14,3
Realizas trabalhos individuais de pesquisa?	0	0,0	12	57,1	7	33,3	2	9,5
Já trabalhaste em grupo?	4	19,0	5	23,8	5	23,8	7	33,3
Costumas interpretar mapas, imagens, fotografias, etc.?	0	0,0	3	14,3	11	52,4	7	33,3
Discutes assuntos nas aulas?	1	4,8	2	9,5	10	47,6	8	38,1
Realizas debates à volta de uma mesa?	13	62,0	5	23,8	2	9,5	1	4,8
Já fizeste um trabalho com professores de várias disciplinas?	12	57,1	6	28,6	3	14,3	0	0,0
Já construístes <i>dossiers</i> temáticos?	18	85,7	2	9,5	0	0,0	1	4,8
É habitual fazeres resumos?	6	28,6	1	4,8	2	9,5	12	57,1
Já fizeste visitas de estudo através da internet?	14	66,7	2	9,5	3	14,3	2	9,5
Já elaboraste trabalhos usando as tecnologias?	3	14,3	1	4,8	8	38,1	9	42,9
O professor costuma expor a matéria?	2	9,5	1	4,8	1	4,8	17	80,1
Fazes Portfólio?	12	57,1	4	19,0	2	9,5	3	14,3
O teu professor anota as tuas ideias no quadro?	4	19,0	7	33,3	9	42,9	1	4,8
Fazes trabalhos com um objetivo específico?	1	4,8	4	19,0	11	52,4	5	23,8
Resolves situações-problema?	1	4,8	5	23,8	10	47,6	5	23,8
Já fizeste saídas de campo?	16	76,2	3	14,3	1	4,8	1	4,8
Constróis esquemas?	3	14,3	9	42,9	6	28,6	3	14,3
Recebes convidados nas tuas aulas?	5	23,8	13	62,0	2	9,5	1	4,8
Participas em conferências sobre temas?	14	66,7	5	23,8	1	4,8	1	4,8